

CAPÍTULO 2

TODOS E PARTES

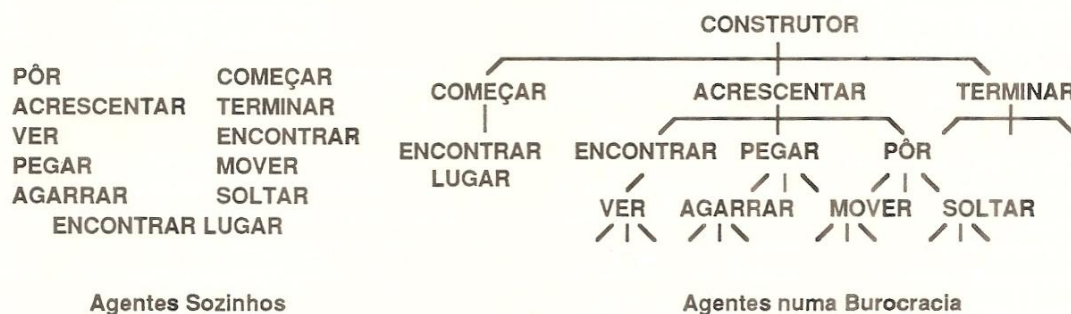
É a natureza da mente que faz os indivíduos serem parecidos, e as diferenças na forma, na aparência ou estilo dos átomos físicos que estabelecem as complexas afinidades na elaboração da mente são, em conjunto, banais.

— ISAAC ASIMOV

2.1 COMPONENTES E CONEXÕES

Constatamos que a habilidade do *Construtor* poderia ser reduzida às habilidades mais simples do *Pegar* e do *Pôr*. Em seguida, vimos como estas, por sua vez, podiam ser constituídas por outras mais simples ainda. Tudo quanto o *Pegar* precisa fazer é *Mover* a mão para *Agarrar* o bloco que o *Encontrar* acabou de descobrir. O *Pôr* tem apenas que *Mover* a mão para que esta coloque o bloco no topo da torre. Portanto, talvez pareça que todas as funções do *Construtor* foram “reduzidas” a coisas que as partes mais simples podem fazer.

Porém uma coisa importante foi deixada de fora. O *Construtor* não é tão-somente um conjunto de partes como *Encontrar*, *Pegar*, *Pôr* e todo o resto. Pois o *Construtor* não trabalharia de modo algum a menos que estes agentes estivessem ligados um ao outro por uma apropriada rede de interconexões.



Poderia você prever o que faz o *Construtor* conhecendo apenas aquela lista do lado esquerdo? Claro que não: você precisa saber também que agentes trabalham para quem. Da mesma forma, seria impossível prever o que aconteceria numa comunidade humana se soubesse apenas o que cada indivíduo isolado pode fazer; você também precisa estar a par do modo como estão organizados — isto é, quem fala a quem. E o mesmo acontece para se compreender qualquer coisa ampla e complexa. Primeiro, precisamos saber como trabalha cada parte separada. Segundo, temos que saber como cada parte age sobre aquelas às quais está ligada. E terceiro, temos que entender como todas estas interações locais se associam para realizar o que aquele sistema *faz* — como é visto do exterior.

No caso do cérebro humano, será preciso muito tempo para solucionar estes três tipos de problemas. Primeiro teremos que entender como trabalham as células do cérebro. Isto será difícil porque existem centenas de diferentes tipos de células cerebrais. Em seguida, teremos que compreender como as células de cada tipo atuam junto com os outros tipos de células às quais estão conectadas. Poderia haver milhares destes diferentes tipos de interações. Depois, finalmente, vem a parte mais difícil: também teremos que entender como nossos bilhões de células cerebrais estão organizadas em sociedades. Para fazer isto, precisaremos desenvolver várias novas teorias e conceitos estruturais. Quanto mais pudermos descobrir a respeito de como nossos cérebros evoluíram, a partir daqueles de animais mais simples, mais fácil há de ser a tarefa.

2.2 INOVADORES E REDUCIONISTAS

É sempre melhor quando os mistérios podem ser explicados em termos de coisas que conhecemos. Porém, quando achamos difícil fazer isto, temos que decidir se devemos continuar tentando fazer antigas teorias funcionarem ou se não será melhor rejeitá-las e experimentar outras novas. Creio que isto seja, em parte, uma questão de personalidade. Vamos denominar “Reducionistas” aquelas pessoas que preferem se servir de antigas idéias, e “Inovadores” aquelas que gostam de experimentar novas hipóteses. Geralmente, os reducionistas estão certos – pelo menos no núcleo precavido da ciência, onde os inovadores raramente sobrevivem por muito tempo. Fora desta esfera, no entanto, os inovadores reinam, pois as idéias mais antigas tiveram mais tempo para revelar suas falhas.

É realmente espantoso como determinadas ciências dependem de tão poucos tipos de explicação. A ciência da física pode, atualmente, explicar virtualmente tudo aquilo que vemos, *pelo menos em princípio*, segundo a forma como pouquíssimos tipos de partículas e campos de força atuam uns sobre outros. Nos últimos séculos o reducionismo obteve um sucesso impressionante. O que torna possível descrever tantas coisas do mundo baseado em tão poucas regras básicas? Ninguém o sabe.

Muitos são os cientistas que consideram a química e a física como modelos ideais para aquilo que deveria ser a psicologia. Afinal de contas, os átomos do cérebro estão sujeitos às mesmas leis físicas abrangentes que governam outras formas da matéria. Quer dizer então que podemos explicar, também, aquilo que nosso cérebro realmente faz baseados inteiramente nesses mesmos princípios básicos? A resposta é não, simplesmente porque mesmo que compreendêssemos como funciona isoladamente cada uma de nossos bilhões de células cerebrais, isto não nos revelaria como o cérebro funciona na qualidade de uma agência. As “leis do pensamento” dependem não só das propriedades daquelas células cerebrais, mas também do modo como estão conectadas. E estas conexões são estabelecidas não pelas leis básicas e “gerais” da física, mas pela disposição especial dos milhões de fragmentos de informações contidas no nosso gene herdado. Para ser exato, as leis “gerais” aplicam-se a tudo. Porém, por esta mesmíssima razão, raramente podem explicar qualquer coisa em

Isto quer dizer que a psicologia deve rejeitar as leis da física e descobrir as suas? Claro que não. Não se trata de uma questão de leis *diferentes*, mas sim de tipos *adicionais* de teorias e princípios que operam em elevados níveis de organização. Nossos conceitos sobre como o *Construtor* trabalha como uma agência não precisam, nem devem entrar em conflito com nosso conhecimento de como os agentes de baixo nível do *Construtor* atuam. Cada nível elevado de descrição deve *acrescentar* algo ao nosso conhecimento sobre os níveis inferiores, e não substituí-lo. Voltaremos à noção de “nível” em muitas outras partes deste livro.

Será possível para a psicologia se parecer a qualquer uma das ciências que conseguiram reduzir, com êxito, suas questões a apenas um punhado de princípios? Isto depende daquilo que você quer dizer com um “punhado”. Na física, nossas exposições terão que conjugar uma dúzia de princípios básicos. Para a psicologia, nossas explicações precisam combinar centenas de teorias menores. Para os físicos, esta quantidade pode parecer grande demais. Para os humanistas pode parecer ínfima.

2.3 PARTES E TODOS

Dizem-nos, com frequência, que determinados todos são “mais do que a soma de suas partes”. Ouvimos isto expresso com as palavras respeitadas como “holismo” e “gestalt”, cujos tons acadêmicos sugerem-nos referirem-se eles a idéias claras e definidas. Contudo, suspeito que a verdadeira função destes termos é anestesiarem uma sensação de ignorância. Dizemos “gestalt” quando coisas se combinam para atuar de modos que não podemos explicar, “holismo” quando somos pegos desprevenidos por acontecimentos inesperados e percebemos que entendemos menos do que pensávamos que o fizéssemos. Por exemplo: considere os dois conjuntos de perguntas abaixo, o primeiro “subjetivo” e o segundo “objetivo”.

*O que torna um desenho algo mais além de seus traços isolados?
Como uma personalidade é mais do que um conjunto de traços?
De que forma uma cultura é mais do que uma simples coletânea de costumes?*

*O que faz de uma torre algo mais além de blocos isolados?
Por que uma corrente é algo mais do que seus vários elos isolados?
Como uma parede é algo mais do que um conjunto de vários tijolos?*

Por que motivo as perguntas “objetivas” parecem menos misteriosas? Porque temos boas maneiras para respondê-las – em termos de como as coisas atuam umas sobre as outras. Para explicarmos como as paredes e as torres funcionam, limitamo-nos a especificar como cada bloco é mantido em seu lugar por seus vizinhos e pela gravidade. Para explicar por que os elos de uma corrente não podem ser separados, podemos demonstrar como cada um ficaria, afastado de seu vizinho. Estas explicações parecem quase que evidentes para os adultos. No entanto, quando éramos crianças elas não nos pareciam assim tão simples e foram necessários vários anos para cada um de nós aprender como os objetos do mundo real atuam uns sobre os outros – por exemplo, para impedir que quaisquer dois objetos ocupem jamais o mesmo lugar. Consideramos cada conhecimento deste tipo como “óbvio” somente porque não podemos nos lembrar de como foi difícil aprendê-lo.

Por que nos parece muito mais difícil explicar nossas reações a desenhos, personalidades e tradições culturais? Várias pessoas acham que estes tipos de perguntas “subjetivas” são impossíveis para se responder porque envolvem nossas mentes. Mas isto não quer dizer que não possam ser respondidas. Significa, apenas, que precisamos primeiro saber mais sobre nossas mentes.

As reações “subjetivas” também são baseadas no modo como as coisas atuam umas sobre as outras. A diferença, neste caso, está no fato de não estarmos preocupados com objetos no mundo exterior, mas com os processos de dentro de nossos cérebros.

Em outras palavras, estas questões sobre artes, traços e estilos de vida são, na verdade, profundamente técnicas. Elas nos pedem para explicar o que acontece entre os agentes em nossas mentes. Mas este é um assunto sobre o qual nunca aprendemos muito – e nem nossas ciências. Estas questões serão respondidas em tempo. Porém, só prolongarão a espera se teirmos em usar palavras pseudo-explicativas como “holismo” e “gestalt”. Realmente, dar nome às coisas, às vezes, pode ajudar pois nos fazem focalizar algum mistério. No entanto, é danoso quando a rotulação orienta a mente a pensar que nomes sozinhos aproximam mais o significado das coisas.

2.4 FUROS E PARTES

Uma imensa maioria de seres humanos estava convicta de que a sensibilidade e o pensamento [por serem distintos da matéria] são, na sua própria natureza, menos suscetíveis às divisões e às deteriorações e que, quando o corpo está explicado segundo seus elementos, o princípio que os animou continuará perpétuo e imutável. Contudo, é provável que aquilo que denominamos pensamentos não seja um verdadeiro ser, mas sim nada mais além da relação entre certas partes desta massa, infinitamente variada, de que é formado o resto do universo e que deixa de existir tão logo estas partes mudam sua posição com relação a cada outra.

— PERCY BYSSHE SHELLEY

O que é a Vida? Disseca-se um corpo mas não se encontra vida dentro dele. O que é a Mente? Disseca-se um cérebro porém não se acha nenhuma mente lá dentro. Será que a vida e a mente são bem mais do que a “soma de suas partes” a ponto de ser inútil procurá-las? Para responder isto, considere a paródia de uma conversa entre um Holista e um Cidadão comum.

— **Holista:** *Provarei que não há nenhuma caixa capaz de prender um camundongo. Uma caixa é feita pregando-se seis tábuas juntas. Mas é evidente que nenhuma caixa pode prender um camundongo a menos que tenha um “preendedor de camundongo” ou “imobilizador”. Agora, nenhuma tábua possui um imobilizador, de forma que o camundongo pode simplesmente afastar-se dela. E se não existe nenhum imobilizador numa tábua, não pode haver nenhum em seis tábuas. Portanto a caixa não pode ter nenhum preendedor de camundongo. Logo, teoricamente o camundongo pode fugir!*

— **Cidadão:** *Impressionante! Mas afinal o que mantém um camundongo dentro de uma caixa?*

— **Holista:** *Ora, isto é simples. Uma boa caixa, muito embora não possua nenhum segurador de camundongo verdadeiro, pode “simular” a coisa de modo tão perfeito a ponto do camundongo ser enganado e não conseguir imaginar como fugir dali.*

Então o que mantém o camundongo confinado? Está claro que é o modo como uma caixa impede o deslocamento em todas as direções, porque cada tábua barra a fuga numa determinada direção. A da esquerda não permite o camundongo se deslocar para a esquerda, a da direita não o deixa ir para a direita, a de cima não o deixa saltar para fora, e assim por diante. O segredo de uma caixa nada mais é do que o modo como as tábuas estão dispostas a fim de impedir o movimento em *todas* as direções! É isto o que significa *conter*. Logo, é uma tolice imaginar que qualquer tábua isolada possa, por si mesma, conter qualquer imobilizador, muito embora cada uma delas contribua para a imobilização. É o mesmo que as cartas de um *straight flush* no pôquer: somente juntas, numa mesma mão, têm algum valor.

O mesmo se aplica a palavras como *vida* e *mente*. É uma bobagem usar estas palavras para descrever os mínimos componentes das coisas vivas pois estas palavras foram inventadas para descrever como atuam uns sobre os outros os conjuntos maiores. Palavras como *viver* e *pensar*, assim como *encaixotar*, são úteis para descrever fenômenos resultantes de determinadas combinações de afinidades. A *caixa* parece nada ter de misteriosa pelo simples fato de todos entenderem como as tábuas de uma caixa bem-feita atuam umas sobre as outras para evitar o deslocamento em qualquer direção. Na verdade, a palavra *vida* já perdeu muito de seu mistério – pelo menos para os biólogos modernos, pois entendem várias das interações importantes entre as substâncias químicas das células. No entanto a *mente* ainda detém o seu mistério – exatamente por sabermos ainda tão pouco com relação à maneira como os agentes mentais atuam uns sobre os outros para realizar todas as coisas que fazem.

2.5 AS COISAS FÁCEIS SÃO DIFÍCEIS

No final da década de 1960, o *Construtor* foi concretizado sob a forma de um programa de computador no MIT Artificial Intelligence Laboratory. Há muito tempo, meu colaborador, Seymour Papert e eu desejávamos conjugar mãos mecânicas, um olho televisivo e um computador num robô capaz de fazer construções com os blocos de brinquedo das crianças. Foram precisos vários anos para nós, e nossos alunos, desenvolvermos o *Ver*, *Mover*, *Agarrar*, e centenas de outros programas menores necessários para criarmos uma agência do *Construtor* que funcionasse. Gosto de pensar que este projeto nos proporcionou lampejos do que acontece dentro de determinadas partes das mentes infantis quando aprendem a “brincar” com brinquedos simples. O projeto nos deixou matutando se até mesmo mil micro-habilidades seriam suficientes para capacitar uma criança a encher um balde com areia. Foi o conjunto desta experiência, mais do que qualquer outra coisa que tínhamos aprendido sobre psicologia, que nos orientou na direção de várias idéias sobre as sociedades da mente.

Para realizarmos estas primeiras experiências, tivemos que fazer um tipo de Mão mecânica, equipada com sensores de pressão e tato nas pontas dos dedos. Em seguida, tivemos que criar uma superfície de contato entre uma câmera de televisão e nosso computador, escrever programas através dos quais o Olho pudesse ter condições de discernir as bordas dos blocos de construção. Também tinha que reconhecer a Mão em si mesma. Quando estes programas não funcionaram bem, acrescentamos mais programas que utilizavam a sensibilidade dos dedos e cujo objetivo era verificar se as coisas se achavam onde, visualmente, pareciam estar. Todavia, foram precisos outros programas para capacitar o computador a movimentar a Mão de um lugar para outro enquanto usava o Olho para ver se não havia algo no seu caminho. Também tivemos que redigir programas de níveis bem mais elevados, os quais o robô podia usar a fim de planejar o que fazer – e mais programas ainda para nos certificarmos de que aqueles planos eram, realmente, levados a cabo. A fim de tornar todo este trabalho confiável, precisamos de programas para verificar, a cada etapa (novamente através da utilização do Olho e da Mão), se o que havia sido planejado no interior da mente tinha acontecido, realmente, do lado de fora – ou então para corrigir os erros cometidos.

Ao tentarmos fazer nosso robô funcionar, descobrimos que muitos problemas do dia-a-dia eram muito mais complicados do que os tipos de problemas, enigmas e jogos considerados difíceis pelos adultos. Quando éramos forçados a olhar com mais cuidado do que de costume, deparávamo-nos com um inesperado universo de complicações, em cada ponto, naquele mundo de blocos. Reflita, apenas, sobre o aparentemente simples problema de não se reutilizarem os blocos já colocados na torre. Para uma pessoa, isto parece ser apenas uma questão de bom senso: “*Não use um objeto para cumprir um novo objetivo caso este objeto já esteja envolvido na realização de uma meta anterior*”. Ninguém sabe, com exatidão, como as mentes humanas fazem isto. Aprendemos através da experiência, é claro, a reconhecer as situações nas quais é possível haver a ocorrência de dificuldades e quando já estamos mais velhos aprendemos a planejar antecipadamente a fim de evitar conflitos deste tipo. Contudo, como não podemos ter certeza daquilo que irá dar certo, temos que aprender táticas para lidar com a incerteza. Quais as melhores estratégias a se tentar e qual evitará os piores erros? Milhares, e talvez milhões, de pequeninos processos devem estar envolvidos no modo como antecipamos, imaginamos, planejamos, prevemos e evitamos – e, ainda assim, tudo isto tem um andamento tão automatizado que os consideramos como “banal senso comum”. Mas se o ato de pensar é tão complicado, o que o torna tão simples? No início, talvez possa nos parecer inacreditável que nossas mentes possam utilizar um mecanismo tão intrincado e assim mesmo não se aperceber dele.

De um modo geral, temos menos consciência daquilo que nossas mentes fazem melhor.

É, sobretudo, quando nossos outros sistemas começam a falhar que engajamos as agências especiais envolvidas naquilo que denominamos “consciência”. Portanto, percebemos mais os processos simples que não funcionam bem do que os complexos que trabalham de modo impecável. Isto significa que não podemos confiar nos nossos julgamentos intempestivos a respeito de quais são as coisas simples que fazemos e quais as que exigem um mecanismo complicado. Na maior parte das vezes, cada porção da mente só pode perceber de modo tranqüilo como as outras partes realizam suas tarefas.

2.6 AS PESSOAS SÃO MÁQUINAS?

Muitas pessoas sentem-se ofendidas quando suas mentes são comparadas a programas de computador ou a máquinas. Vimos como a simples habilidade de se construir uma torre pode ser composta de partes menores. Mas poderia alguma coisa, como uma mente verdadeira, ser feita de um material tão banal?

— Ridículo!— protesta a maioria das pessoas. — Não me sinto, de modo algum, uma máquina!

Mas se você não é uma máquina, o que o faz ser uma autoridade sobre qual deva ser a sensação de ser uma máquina? Talvez a pessoa retrucasse: — *Penso, logo sei como a mente trabalha.* Contudo, isto seria tão suspeito quanto afirmar: — *Dirijo meu carro, logo sei como seu motor trabalha.* Saber como usar algo não é a mesma coisa que saber como ele funciona.

— Mas todo mundo sabe que as máquinas só podem se comportar de maneira mecânica e sem vida.

Esta objeção parece ser mais razoável: realmente, uma pessoa *deveria* se sentir ofendida ao ser comparada a qualquer máquina *banal*. Porém, me parece que a palavra “máquina” está começando a ficar fora de moda. Durante séculos, palavras como “mecânica” nos fizeram pensar em mecanismos simples como polias, alavancas, locomotivas e máquinas de escrever. (A palavra “computadorizado” herdou um sentido de inferioridade semelhante, de realizar operações aritméticas tolas passo a passo.) Porém, deveríamos reconhecer que ainda nos encontramos numa era primitiva de máquinas, sem fazermos qualquer idéia daquilo que poderão vir a ser. O que teria acontecido se um visitante de Marte tivesse surgido por aqui há bilhões de anos para julgar o destino da vida terrestre, através de observação de punhados de células que nem sequer tinham ainda aprendido a rastejar? Do mesmo modo, não podemos entender o alcance daquilo que as máquinas poderão realizar no futuro se partirmos daquilo que estamos vendo neste momento.

Nossas percepções iniciais sobre os computadores partiram das experiências com máquinas da década de 1940, que só continham milhares de peças. Mas o cérebro humano contém bilhões de células, cada qual complexa por si mesma e ligada a muitos milhares de outras. Os computadores da atualidade representam um nível de complexidade intermediário; agora possuem milhões de peças e há pessoas que já estão construindo computadores com bilhões de peças para pesquisar sobre a Inteligência Artificial. E, no entanto, apesar do que está acontecendo, continuamos usando palavras antigas como se não tivesse ocorrido nenhuma mudança. Precisamos adaptar nossas atitudes ao fenômeno que trabalha em escalas jamais concebidas antes. O termo “máquina” já não nos leva tão longe quanto se faz necessário.

Mas a retórica não estabelecerá nada. Deixemos estes argumentos de lado e tentemos, isto sim, compreender aquilo que os vastos e desconhecidos mecanismos do cérebro são capazes de realizar. Assim, encontraremos mais auto-respeito em saber que máquinas maravilhosas somos.

CAPÍTULO 3

**CONFLITO E
COMPROMISSO**

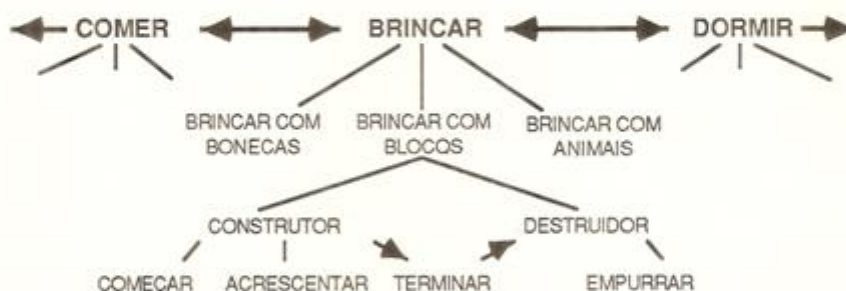
3.1 CONFLITO

A maioria das crianças não só gosta de construir, como também aprecia deitar as coisas por terra. Portanto, vamos imaginar um outro agente chamado *Destruidor*, cuja especialidade é derrubar as coisas. Nossa criança adora ouvir barulhos complicados e observar como tantas coisas se movimentam, todas, ao mesmo tempo.



Suponha que o *Destruidor* seja convocado, mas não há nada à vista para ser desmontado. Portanto, o *Destruidor* terá que procurar alguma ajuda—colocando o *Construtor* em ação, por exemplo. Porém o que vai acontecer se, algum tempo depois, o *Destruidor* julgar a torre suficientemente alta para demoli-la, enquanto o *Construtor* a quer fazer mais alta ainda? Como seria possível resolver esta disputa?

A política mais simples seria entregar a decisão ao *Destruidor*, responsável pela ativação do *Construtor*, em primeiro lugar. Mas, num quadro mais realista da mente de uma criança, estas escolhas dependeriam de várias outras agências. Por exemplo, vamos supor que tanto o *Construtor* como o *Destruidor* tivessem sido, inicialmente, convocados por um agente de nível mais elevado, *Brincar-com-Blocos*. Poderia, então, surgir um conflito se o *Construtor* e o *Destruidor* discordassem a respeito da altura da torre.



Antes de mais nada, o que convocou o *Brincar-com-Blocos*? Talvez um agente de nível mais elevado, quem sabe, *Brincar*, tenha sido ativado inicialmente. Depois, dentro do *Brincar*, o agente *Brincar-com-Blocos* assumiu o comando, apesar de seus dois competidores, *Brincar-com-Bonecas* e *Brincar-com-Animais*. Porém, até o próprio *Brincar*, superior aos dois, deve ter tido que competir com outras agências de nível mais elevado como *Comer* e *Dormir*. Pois, afinal de contas, a brincadeira de uma criança não é uma coisa isolada, mas sempre acontece dentro do contexto de outras preocupações da vida real. Não importa aquilo que escolhemos para fazer, sempre há outras coisas que também seriam do nosso agrado realizar.

Em diversas oportunidades neste livro, levantarei a hipótese de que os conflitos entre os agentes tendem a migrar para cima, na direção dos níveis mais elevados. Por exemplo, qualquer conflito demorado entre o *Construtor* e o *Destruidor* tenderá a enfraquecer seu superior imediato, *Brincar-com-Blocos*. Por sua vez, isto irá reduzir a capacidade do *Brincar-com-Blocos* de afastar seus rivais; *Brincar-com-Bonecas* e *Brincar-com-Animais*. Em seguida, se este conflito não for logo solucionado, enfraquecerá o agente *Brincar* que se encontra no nível mais elevado seguinte. Então talvez vejamos *Comer* ou *Dormir* assumir o controle.

3.2 DESACORDO

Para conciliar as contendas, as nações desenvolvem sistemas legais, as empresas estabelecem políticas e os indivíduos podem discutir, brigar ou chegar a um acordo – ou recorrer ao auxílio de mediadores que se encontram do lado de fora. O que acontece ao ocorrerem conflitos dentro das mentes?

Todas as vezes que vários agentes disputam as mesmas coisas, é provável que entrem em conflito. Se estes agentes fossem deixados entregues a si mesmos, os conflitos talvez perdurassem indefinidamente, e isto deixaria estes agentes paralisados, incapazes de completar qualquer meta. O que aconteceria, então? Suporemos que os agentes supervisores também se encontram sob pressão competitiva e estão fadados a se enfraquecer sempre que seus subordinados se demoram para atingir seus objetivos, não importa se devido a conflitos existentes entre eles ou por incompetência individual.

O Princípio do Desacordo: *Quanto mais tempo persistirem os conflitos entre os subordinados do agente, mais debilitada fica a situação deste agente entre seus próprios competidores. Caso estes problemas intestinos não sejam logo resolvidos, outros agentes assumirão o controle e aqueles envolvidos no início serão “dispensados”.*

Brincar pode manter sua força e o controle caso a brincadeira com os blocos se desenvolva dentro da normalidade. Entrementes, a criança pode, no entanto, começar a sentir fome e sono, porque outros processos estão convocando os agentes *Comer* e *Dormir*. Enquanto estes dois agentes não forem ativados com intensidade, *Brincar* pode manter todos dois afastados. Contudo, qualquer conflito dentro do *Brincar* irá enfraquecê-lo e facilitará as coisas para que *Comer* ou *Dormir* assumam as rédeas. Está claro que *Comer* ou *Dormir* devem vencer no final, pois quanto mais esperarem, mais fortes não de ficar.

Constatamos isto em nossa experiência pessoal. Todos sabemos o quanto é fácil afastar as pequenas distrações quando as coisas estão indo bem. Porém, tão logo surge algum problema no nosso trabalho, tornamo-nos cada vez mais impacientes e irritados. Eventualmente, consideramos tão difícil nos concentrarmos que a menor perturbação pode permitir que um outro interesse diverso assuma o controle. Assim sendo, quando qualquer uma de nossas agências perde o controle sobre aquilo que outros sistemas fazem, isto não quer dizer que tenha que cessar sua própria atividade interna. Uma agência que perdeu o controle pode continuar a trabalhar dentro de si mesma – e, assim, ficar preparada para agarrar uma oportunidade futura. No entanto, de um modo geral, não temos consciência de todas estas outras atividades que se originam bem no fundo de nossas mentes.

Onde vai parar este processo de entregar o controle a outras agências? Será que todas as mentes devem ter algum centro de controle mais elevado? Não necessariamente. Às vezes pomos fim aos conflitos recorrendo a nossos superiores, porém outros conflitos nunca terminam e nunca deixam de nos perturbar.

De início, nosso princípio de desacordo pode parecer por demais extremado. Afinal de contas, os experientes supervisores humanos planejam, em primeiro lugar e com antecedência, para evitar conflitos, e, quando não podem, procuram acertar as disputas pessoalmente antes de recorrerem a seus superiores. Contudo, não deveríamos tentar encontrar uma analogia próxima entre os agentes de baixo nível de uma mente única e os membros de uma comunidade humana. Estes minúsculos agentes mentais, simplesmente, não podem ter suficientes conhecimentos para serem capazes de negociar uns com os outros ou encontrar maneiras eficientes para ajustarem a interferência dos outros em cada um deles. Somente as agências maiores poderiam ser bastante engenhosas para fazer coisas deste tipo. Dentro de uma criança de verdade, as agências responsáveis pela *Construção e Destruição* talvez consigam se tornar bastante versáteis a ponto de poderem negociar oferecendo apoio para a meta de cada uma delas. “*Por favor, Destruidor, espere um momento até o Construtor colocar mais um bloco: valerá a pena, pois o barulho há de ser bem maior!*”

3.3 HIERARQUIAS

burocracia S.m.: Administração da coisa pública por funcionário (de ministério, secretarias, repartições etc.) sujeito a hierarquia, a regulamentos rígidos e a uma rotina inflexível.

— Novo Dicionário Aurélio

Como um agente, o *Construtor* não executa nenhum trabalho físico mas limita-se, simplesmente, a recorrer a *Começar*, *Acréscetar* e *Terminar*: o *Acréscetar*, da mesma forma, apenas ordena a *Encontrar*, *Pôr* e *Pegar* que façam seus trabalhos. Em seguida, estes dividem-se em agentes como *Mover* e *Agarrar*. Parece que isto nunca terá fim – este desdobramento em coisas menores. Por fim, tudo acabará com agentes que executam o trabalho de verdade, mas há muitas etapas, antes de recorrermos aos pequeninos agentes motores musculares, que, na realidade, movimentam os braços, as mãos e as juntas dos dedos. Logo, o *Construtor* é parecido com um executivo de alto nível, bastante afastado daqueles subordinados que realmente fabricam o produto final.

Isto significa que o trabalho administrativo do *Construtor* é de menor importância? Não, de modo algum. Aqueles agentes de baixo nível têm que ser controlados. O mesmo acontece nos negócios humanos. Quando uma empresa torna-se complexa demais e muito grande para ser dirigida por apenas uma pessoa, construímos uma organização na qual determinados agentes preocupam-se não com o resultado final, mas somente com aquilo que fazem outros agentes. Projetar qualquer sociedade, seja ela humana ou mecânica, envolve decisões como estas:

Que agentes escolhem quem fará qual trabalho?
Quem decidirá que tarefas serão realizadas?
Quem decide que esforços devem ser despendidos?
De que modo serão contornados os conflitos?

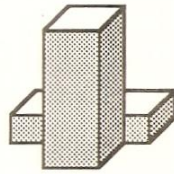
Que quantidade do pensamento comum humano possui o caráter do *Construtor*? O *Construtor*, por nós descrito, não se parece muito com um supervisor humano. Ele não resolve que agentes serão designados para este ou aquele trabalho, porque isto já foi estabelecido antes. Não planeja seu trabalho futuro mas simplesmente cumpre metas estabelecidas até que *Terminar* declara o trabalho realizado. Como, também, não dispõe de nenhum repertório de modos como lidar com acidentes inesperados.

Como nossos pequeninos agentes mentais são limitados, não deveríamos tentar levar longe demais a analogia entre eles e os seres humanos, supervisores e trabalhadores. Ademais, como veremos logo adiante, as relações entre os agentes mentais nem sempre obedecem a uma hierarquia definida. E, de qualquer modo, funções deste tipo são sempre relativas. Para *Construtor*, *Acréscetar* é um subordinado; mas para *Encontrar*, *Acréscetar* é um patrão. Do mesmo modo como acontece com você, tudo isto depende do modo como vive. Que tipos de pensamentos o preocupam mais – as ordens que deve acatar ou aquelas que se vê forçado a dar?

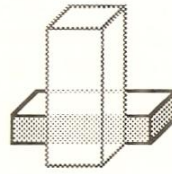
3.4 HETERARQUIAS

Uma sociedade hierárquica é como uma árvore na qual o agente de cada galho é exclusivamente responsável pelos agentes nos rebentos que dele brotam. Este padrão é encontrado em todos os campos, porque dividir o trabalho em partes assim é, usualmente, o modo mais fácil para se iniciar a solução de um problema. É fácil construir e compreender organizações assim pois cada agente só tem um único trabalho a fazer: tudo que precisa fazer é “consultar” as instruções dadas por seu supervisor, em seguida “olhar para baixo” para conseguir auxílio de seus subordinados.

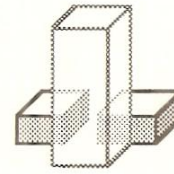
Mas nem sempre as hierarquias funcionam. Considere que quando dois agentes precisam usar as habilidades um do outro, nem um nem outro podem estar “em cima”. Observe o que acontece, por exemplo, quando você solicita ao seu sistema visual para decidir se a cena reproduzida no lado esquerdo, aqui embaixo, retrata três blocos—ou somente dois



O que você vê.



Será isto?



Ou isto?

O agente *Ver* poderia responder se pudesse mover o bloco frontal, afastando-o do campo visual. Mas, ao fazer isto, *Mover* talvez tivesse que *Ver* se havia algum obstáculo interferindo na trajetória do braço. Num momento assim, *Mover* estaria trabalhando para *Ver*, e *Ver* estaria trabalhando para *Mover*, ambos ao mesmo tempo. Isto seria impraticável dentro de uma hierarquia simples.

A maioria dos diagramas nas primeiras partes deste livro retrata hierarquias simples. Posteriormente, veremos anéis e laçadas mais entrecruzados – quando somos forçados a considerar a necessidade de usarmos a memória, que se transformará, neste livro, num constante motivo de preocupação. Muitas vezes, as pessoas pensam na memória em termos da manutenção de registros do passado, para rememorar coisas acontecidas em épocas mais antigas. Mas as agências também necessitam de outros tipos de memória. *Ver*, por exemplo, exige algum tipo de memória temporária a fim de saber o que fará a seguir, ao iniciar um trabalho antes que um outro, anterior, tenha sido concluído. Caso cada um dos agentes de *Ver* só tivesse condições de fazer uma coisa por vez, logo ele ficaria sem recursos e incapacitado para solucionar problemas complicados. Contudo, se dispusermos de bastante memória, podemos dispor nossos agentes em laçadas circulares e, desta forma, usar os mesmos agentes, vezes sem conta, para realizar partes de vários e diferentes trabalhos ao mesmo tempo.

3.5 DESTRUTIBILIDADE

Na mente de qualquer criança de verdade, o ímpeto para *Brincar* compete com outros impulsos exigentes, como *Comer* e *Dormir*. O que acontece caso um outro agente se apodere do controle de *Brincar*, e o que acontece aos agentes *Brincar* controlados?



Suponha que nossa criança seja afastada de sua ocupação, não importa se por alguém ou por um impulso interior como *Dormir*. O que sucede ao processo que permaneceu ativo na mente? Uma parte da criança talvez continue querendo brincar, enquanto outra deseja dormir. Talvez a criança derrube a torre com um pontapé inesperado e vingativo. O que significa quando as crianças fazem uma cena dessas? Será que houve uma quebra da disciplina interior a ponto de causar estes atos violentos? Não, necessariamente. Estes atos “infantis” podem continuar fazendo sentido de outras formas.

Destruir leva tão pouco tempo que Destruidor, livre da repressão de Brincar, só precisa persistir em apenas mais um pontapé para alcançar a satisfação da colisão final.

Embora a violência infantil possa parecer sem sentido, em si mesma, serve para comunicar a frustração pela perda de uma meta. Mesmo que os pais ralhem, isto apenas confirma como a mensagem foi bem transmitida e recebida.

Atos destrutivos podem servir a metas construtivas ao deixar menos problemas para serem solucionados. Este pontapé talvez produza uma baderna no exterior, mas ainda assim acerta a mente da criança.

Quando as crianças espatifam seus brinquedos mais caros, não deveríamos indagar a *razão* daquele ato – pois nenhum ato deste tipo tem uma causa única. Ademais, não é verdade que, numa mente humana, quando *Dormir* começa, *Brincar* deve se retirar e todos os seus agentes têm que parar. Uma criança de verdade pode ir para a cama – e ainda assim construir torres na sua cabeça.

3.6 DOR E PRAZER SIMPLIFICADOS

Quando você está com dor, é difícil manter o interesse em outras coisas. Você acha que nada é mais importante do que encontrar algum meio para deter a dor. Por isto a dor é tão poderosa: torna difícil pensar em qualquer outra coisa. A dor simplifica seu ponto de vista.

Quando alguma coisa lhe dá prazer, também torna-se difícil pensar em outras coisas. Você julga que nada é mais importante do que descobrir um modo de fazer este prazer durar. Eis por que o prazer é tão poderoso. Ele também simplifica seu ponto de vista.

O poder da dor de nos afastar de outras metas não é acidental; é assim que nos ajuda a sobreviver. Nossos corpos são dotados de nervos especiais que detectam danos iminentes e os sinais emitidos por estes nervos, com relação à dor, nos fazem reagir de formas especiais. Seja como for, eles rompem, desintegram, nossas preocupações com relação às metas a longo prazo – forçando-nos, desta forma, a focalizar nos problemas imediatos, talvez através da transferência do controle para nossas agências dos níveis mais baixos. Evidentemente, isto pode causar mais danos do que bem, sobretudo quando, a fim de afastar a fonte da dor, é preciso elaborar um plano complexo. Infelizmente, a dor interfere na elaboração de planos solapando o interesse por qualquer coisa que não seja imediata. Sofrimento em demasia nos torna menores ao restringir as complexidades que constituem nossos egos. O mesmo também deve acontecer com relação ao prazer.

Pensamos na dor e no prazer como coisas contrárias, pois o prazer nos faz atrair para junto de nós o seu objeto enquanto o sofrimento nos impele a rejeitar o seu objeto. Também pensamos neles como semelhantes, pois ambos fazem as metas rivais parecerem pequenas fazendo-nos nos afastar de outros interesses. Todos dois desviam a nossa atenção. Por que achamos tantas semelhanças entre coisas antagônicas? Às vezes duas coisas aparentemente contrárias não passam de dois extremos ao longo de uma escala única, ou uma delas nada mais é além da ausência da outra – como no caso de barulho e silêncio, claridade e escuridão, interesse e despreocupação. Mas o que dizer de opostos que são realmente diferentes, como a dor e o prazer, o medo e a coragem, o ódio e o amor?

Para parecerem contrárias, duas coisas devem servir a metas relacionadas – ou, se não, atrair as mesmas agências do ego.

Portanto, a afeição e a abominação envolvem, ambas, as nossas atitudes frente aos relacionamentos; e o prazer e a dor, todos dois, envolvem sujeições que simplificam nossas cenas mentais. O mesmo se aplica à coragem e à covardia: cada qual se sai melhor conhecendo a ambas. Quando você está no ataque, tem que exercer pressão sobre qualquer fraqueza que lhe seja possível descobrir na estratégia de seu adversário. Ao defender-se, acontece o mesmo: você ainda precisa adivinhar o plano do outro.

CAPÍTULO 4

O EGO

*Somos aquilo que pretendemos ser, portanto devemos ser cautelosos com
relação àquilo que pretendemos ser.*

—KURT VONNEGUT

4.1 O EGO

ego s.f. 1. a identidade, o caráter, ou as qualidades essenciais de qualquer pessoa ou coisa. 2. a identidade, a personalidade, a individualidade, etc. de uma determinada pessoa; a própria pessoa quando diferenciada de todas as outras.

— Webster's Unabridged Dictionary

Todos acreditamos que as mentes humanas contêm aquelas entidades especiais que são denominadas egos. Porém, ninguém concorda sobre o que são elas. A fim de manter as coisas claras, escreverei “ego” ao falar sobre uma pessoa num sentido geral e reservarei “Ego” para falar a respeito daquele sentido de identidade pessoal mais misterioso. Eis aqui algumas coisas que as pessoas dizem sobre o Ego:

Ego é a parte da mente que é realmente eu, ou melhor, é a parte de mim – isto é, a parte de minha mente – que na verdade pensa, quer, decide, se deleita e sofre. É a parte mais importante para mim pois é aquela que permanece a mesma através de toda a experiência – a identidade que une todas as coisas. E se você pode ou não tratá-lo cientificamente, sei que está lá, porque ele sou eu. Talvez ele seja aquela espécie de coisa que a ciência não pode explicar.

Esta não é lá uma grande definição, mas não me parece uma boa idéia tentar encontrar outra melhor. Quase sempre forçar definições causam mais danos do que bem, quando o fazemos com relação a coisas que não compreendemos. Ademais, somente na lógica e na matemática as definições captam os conceitos na perfeição. As coisas com as quais lidamos na vida prática são, de um modo geral, complicadas demais para serem representadas com expressões claras e compactas. Especialmente quando se trata da compreensão das mentes, pois ainda sabemos tão pouco que não temos certeza se nossas noções a respeito da psicologia estão, sequer, focalizadas nas direções certas. De qualquer forma, não se deve cometer o erro de definir coisas para saber-se o que elas são. Você pode saber o que é um tigre sem o definir. Você pode definir um tigre, e apesar disto, conhecer muito pouca coisa sobre ele.

Ainda que nossas antigas idéias sobre a mente estejam erradas, podemos aprender muita coisa procurando entender por que acreditamos nelas. Ao invés de perguntar: “O que são os Egos?” podemos indagar: “Quais são nossas idéias sobre os Egos?”— para em seguida perguntar: “A quais funções psicológicas estas idéias servem?” Quando fazemos isto, percebemos que não temos apenas uma idéia, mas várias.

Nossas idéias sobre nossos Egos incluem as crenças sobre o que *somos*. Estas incluem tanto as opiniões sobre o que somos capazes de fazer como o que podemos estar dispostos a fazer. Exploramos estas convicções todas as vezes que solucionamos problemas ou fazemos planos. Irei me referir a elas, de modo bastante vago, como *imagens pessoais* de uma pessoa. Além de nossas imagens pessoais, nossas convicções sobre nós mesmos também incluem idéias sobre aquilo que *gostaríamos* de ser e noções sobre o que *deveríamos* ser. Estas, que denominarei *ideais-pessoais* de alguém, influenciam o crescimento de cada um desde a infância, mas geralmente as achamos difíceis de expressar porque são inacessíveis à consciência.

4.2 UM EGO OU VÁRIOS?

Uma imagem comum do Ego sugere que cada mente contém uma espécie de *Voyeur-Titereiro* dentro dela – para sentir, querer e escolher as coisas que sentimos, queremos e escolhemos. Porém, se tivéssemos *estes* tipos de Egos, de que adiantaria termos Mentes? E, por outro lado, se as Mentes pudessem fazer diretamente estas coisas, por que termos Egos? Este conceito de um Ego tem realmente alguma utilidade? Sim, tem, na verdade – desde que pensemos nele não como uma entidade centralizada e todo-poderosa, mas como uma sociedade de idéias que incluem tanto nossas imagens daquilo que é a mente como também nossos ideais sobre o que ela deveria ser.

Além disto, quase sempre temos duas opiniões sobre nós mesmos. Às vezes nos consideramos como entidades simples e autocoerentes. De outras vezes, sentimo-nos descentralizados ou dispersos, como se fôssemos feitos de várias e diferentes partes com tendências diversas. Compare estas opiniões:

OPINIÃO DO EGO ÚNICO. *“Penso, quero, sinto. Sou eu, eu mesmo, quem pensa meus pensamentos. Não é nenhuma multidão ou um punhado de partes desinteressadas que o faz”.*

OPINIÃO DO EGO MÚLTIPLO. *“Uma parte de mim quer isto, uma outra parte quer aquilo. Preciso manter um melhor controle de mim mesmo”.*

Nunca estamos satisfeitos com nenhuma opinião. Todos experimentamos sensações de desunião, conflitando estímulos, compulsões, tensões internas e dissensões. Estabelecemos negociações nas nossas cabeças. Ouvimos histórias assustadoras nas quais a mente de uma pessoa torna-se escravizada pelas compulsões e comandos que parecem partir de algum outro lugar. E aquelas vezes em que nos sentimos razoavelmente unificados podem ser exatamente aqueles momentos que os outros nos vêem como confusos ao extremo.

Contudo, se não existe dentro da mente um Ego único, central e predominante, o que nos faz tão certos de que existimos? O que dá a este mito sua força e poder? Um paradoxo: talvez seja *porque* não existam pessoas algumas nas nossas cabeças para nos fazerem fazer as coisas que queremos – nem mesmo algumas para nos fazer *desejar o que queremos* – tanto assim que construímos o mito de que *estamos* dentro de nós mesmos.

4.3 A ALMA

E agradecemos ao Senhor que a escuridão nos recorde a luz.

— T. S. ELIOTT

Um conceito comum de alma é que a essência de uma pessoa encontra-se em alguma centelha de luz invisível, uma coisa que não possui corpo, mente ou visão. Mas o que poderia significar um símbolo assim? Ele leva a si um sentido de antiauto-respeito: de que não há a menor significância nas realizações de alguém.

As pessoas indagam se as máquinas podem ter uma alma. E eu pergunto, de volta, se as almas podem aprender. Isto não parece ser uma troca justa – se as almas podem viver para todo o sempre e, ainda assim, não usam este tempo para aprender – negociar todas as mudanças por mudança alguma. E é exatamente isto o que conseguimos com as almas congênicas que não podem crescer: um destino como a morte, uma conclusão numa permanência incapaz de apresentar qualquer mudança e, portanto, desprovida de intelecto.

Por que procurar acomodar o valor de um Ego numa forma deste tipo, tão singularmente paralisada? A arte de uma pintura magnífica não se encontra na fantasia de ninguém, nem numa porção de recursos isolados para colocar todas aquelas manchas pigmentadas, mas sim na imensa cadeia de afinidades existentes entre suas diferentes partes. Similarmente, os agentes, toscos, que formam nossas mentes são, por eles mesmos, sem valor e sem objetivo, não passam de manchas dispersas de tinta. O que conta é aquilo que deles fazemos.

Todos sabemos como um invólucro feio pode esconder um presente inesperado, como um tesouro escondido, enterrado no chão, ou uma ostra sem encantos carregando uma pérola. Mas, as mentes são justo o contrário. Começamos como embriões diminutos, que depois constroem magníficas e maravilhosas individualidades – cujo mérito encontra-se totalmente dentro de sua própria carência. O valor de um ser humano encontra-se não em algum núcleo pequeno e precioso, mas sim na sua crosta imensa e elaborada.

O que são estas antigas e ardentes crenças em espíritos, almas e essências? *Não são mais nada além de insinuações da nossa incapacidade para melhorar a nós mesmos.* Procurar nossas virtudes em pensamentos deste tipo parece tão erroneamente endereçado como buscar a arte numa tela após termos raspado todo o trabalho do pintor.

4.4 O EGO CONSERVADOR

De que forma controlamos nossas mentes? Primeiro escolhemos, mentalmente, o que desejamos fazer; em seguida o fazemos. Contudo, isto é muito mais difícil do que parece: passamos nossas vidas buscando esquemas de autocontrole. Comemoramos quando somos bem-sucedidos e, quando fracassamos, ficamos furiosos conosco mesmos por não termos nos comportado como queríamos – e então tentamos brigar, envergonhar ou subornar a nós mesmos para modificarmos nossos rumos. Mas, espere aí! Como pode um ego ficar zangado consigo mesmo? Quem ficaria alucinado com quem? Reflita sobre um exemplo da vida diária.

Eu tentava me concentrar num determinado problema mas começava a me sentir entediado e sonolento. Então imaginei que um de meus concorrentes, o Professor Desafio, estivesse a ponto de resolver o mesmo problema. Um desejo irascível de frustrar Desafio manteve-me trabalhando no problema por mais algum tempo. O mais estranho era que este problema não era do tipo que jamais iria despertar o interesse de Desafio.

O que nos leva a usar técnicas tão indiretas para influenciar a nós mesmos? Por que razão sermos tão indiretos, inventando distorções, fantasias e mentiras inequívocas? Por que não podemos dizer a nós mesmos para fazer as coisas que desejamos fazer?

A fim de compreender como alguma coisa funciona, é preciso conhecer seus objetivos. Houve um tempo em que ninguém entendia o coração. Porém, assim que se viu que os corações movimentavam sangue, uma porção de outras coisas passou a fazer sentido: aquelas coisas que se pareciam com tubos e válvulas eram, realmente, tubos e válvulas – e os corações ansiosos, que pulsavam e batiam, foram reconhecidos como simples bombas. Puderam então ser formadas novas especulações: isto servia para levar bebida e comida a nossos tecidos? Servia para manter nossos corpos aquecidos ou frios? Para enviar mensagens de um ponto para outro? Na verdade, todas estas hipóteses estavam corretas e quando esta avalanche de idéias funcionais levou-nos a imaginar que o sangue também pode transportar o ar, mais peças do quebra-cabeças encaixaram-se em seus lugares.

Para compreendermos aquilo que denominamos de Ego, temos que ver primeiro para que servem os Egos. *Uma função do Ego é impedir que nos transformemos rápido demais.* Cada pessoa precisa elaborar alguns planos de longo alcance a fim de equilibrar a simples objetividade contra as tentativas de se fazer logo tudo. Mas não é suficientemente simples conseguir-se instruir uma agência no sentido de dar início à implementação de nossos projetos. Também precisamos descobrir algumas maneiras para sujeitar as modificações que talvez venhamos a realizar mais tarde – para não nos permitir afastar novamente estes agentes planejadores! Se mudássemos de idéia temerariamente jamais saberíamos o que poderíamos desejar em seguida. Jamais faríamos muita coisa pois nunca poderíamos depender de nós mesmos.

Estes pontos de vista comuns são desacertos que acreditam que nossos Egos são mágicos, superfluidades comodistas que capacitam nossas mentes a romper os grilhões da causa natural e da lei. Muito pelo contrário, estes Egos são necessidades práticas. Os mitos que afirmam que os Egos englobam tipos especiais de liberdade não passam de meros embustes. Parte de sua função é esconder de nós a natureza de nossos próprios ideais – as cadeias que forjamos a fim de não nos permitir destruir todos os planos por nós elaborados.

4.5 EXPLORAÇÃO

Vamos examinar mais de perto aquele episódio com o Professor. Aparentemente, o que aconteceu foi o seguinte: minha agência para *Trabalhar* utilizou-se da *Raiva* para bloquear *Dormir*. Mas por que razão *Trabalhar* lançaria mão de um estratagema tão sinuoso?

Para ver por que precisamos ser tão indiretos, considere algumas alternativas. Se *Trabalhar* tivesse condições de, simplesmente, afastar o *Dormir*, deixaríamos nossos corpos esgotados muito rapidamente. Se *Trabalhar* pudesse simplesmente acionar a *Raiva*, estaríamos lutando o tempo todo. A ação direta é perigosa por demais. Morreríamos.

A extinção seria rápida para aquelas espécies que pudessem simplesmente afastar com agilidade a fome ou a dor. Em vez disto, deve haver verificações e equilíbrio. Jamais conseguiríamos vencer todo um dia se qualquer agência pudesse pegar e manter o controle de todo o resto. Deve ser por isto que nossas agências, a fim de explorarem mutuamente as suas habilidades características, precisam descobrir estes caminhos tortuosos. Todas as ligações diretas devem ter sido afastadas no decorrer da nossa evolução.

Esta deve ser a única razão pela qual usamos as fantasias: para prover os caminhos que estão faltando. Talvez você não seja capaz de ficar encolerizado decidindo simplesmente ficar encolerizado, mas pode imaginar coisas e situações que o *deixam* zangado. No caso do Professor Desafio, minha agência de *Trabalhar* explorou uma lembrança especial para despertar minha disposição para a *Raiva* a fim de afastar o *Dormir*. Isto é característico dos ardis por nós usados para nos autocontrolarmos.

A maioria de nossos métodos de autocontrole processa-se inconscientemente, porém, às vezes, recorremos a esquemas conscientes através dos quais oferecemos recompensas a nós mesmos: “*Se conseguir concluir este projeto terei mais tempo para dedicar a outras coisas*”. Contudo subornar-se a si mesmo não é uma coisa tão simples quanto possa parecer. Para fazer isto com sucesso, você tem que descobrir quais os incentivos mentais que funcionarão realmente sobre você mesmo. Isto quer dizer que você – ou melhor, suas agências – precisam aprender algo sobre as disposições de cada uma delas. Quanto a isto, os esquemas por nós usados para influenciar a nós mesmos não parecem diferir muito daqueles dos quais lançamos mão a fim de nos utilizarmos de uma outra pessoa – e, similarmente, quase sempre não dão certo. Ao tentarmos nos induzir a trabalhar oferecendo recompensas a nós mesmos, sem sempre mantemos a nossa barganha; prosseguimos elevando o preço ou até nos enganando, exatamente como uma pessoa talvez procure esconder de alguém um aspecto negativo de uma barganha.

O autocontrole humano não é uma habilidade simples, mas sim um mundo sempre crescente de perícia que atinge tudo aquilo que realizamos. No final das contas por que é que tão pouco de nossos estratagemas para nos auto-incentivarmos dão certo? Porque, como já esclarecemos, a ação direta é perigosíssima. Se o autocontrole fosse tão fácil de ser alcançado, terminaríamos não realizando absolutamente nada.

4.6 AUTOCONTROLE

Aqueles que realmente buscam o caminho rumo ao Iluminismo impõem condições às suas mentes. Em seguida, prosseguem com ardente determinação.

— BUDA

O episódio do Professor Desafio mostrou-nos somente um modo como podemos nos controlar: explorando uma aversão emocional com o objetivo de concluir um escopo intelectual. Examine todos os outros tipos de estratégias por nós usados ao tentarmos nos obrigar a trabalhar quando estamos cansados ou distraídos.

FORÇA DE VONTADE: Diga para si mesmo: “Não ceda a isto”, ou “Continue tentando”.

Auto-injunções deste tipo podem dar certo no início – mas no fim sempre fracassam, com se algum mecanismo da mente ficasse sem combustível. Um outro estilo de autocontrole envolve mais a atividade física:

ATIVIDADE: Ande um pouco. Faça exercícios. Respire profundamente. Grite.

Certas ações físicas são peculiarmente eficientes, sobretudo as expressões faciais envolvidas na comunicação social: elas afetam tanto quem as assume quanto quem as vê.

EXPRESSÃO: Cerre as mandíbulas. Endureça o lábio superior. Franza o sobrecenho.

Outro tipo de atitude estimulante é se dirigir a um lugar excitante. E, quase sempre, realizamos coisas que mudam diretamente o meio químico do cérebro.

QUÍMICA: Tome um café, anfetaminas, ou outras drogas que atuem sobre o cérebro.

Em seguida há ações na mente com as quais criamos pensamentos e fantasias que mexem com nossas emoções, despertando esperanças e medos através de oferecimentos, subornos e até ameaças dirigidos contra nós mesmos.

EMOÇÃO: “Se eu vencer, há muito a ganhar, porém mais a perder se eu fracassar!”

Talvez as mais poderosas de todas sejam aquelas ações que prometem ganho ou perda da consideração de determinadas pessoas em especial.

LIGAÇÃO: Imagine a admiração se for bem-sucedido – a censura se fracassar – sobretudo por parte daquelas pessoas às quais está mais ligado.

Quantos esquemas para o autocontrole! Como escolhemos qual deles usar? Isto não é nada fácil. São precisos muitos anos para aprendermos a autodisciplina; ela desenvolve-se, em nosso íntimo, através de etapas.

4.7 PLANOS DE LONGO ALCANCE

Na procura da verdade existem determinadas questões que não são importantes. De que material é feito o Universo? O Universo é eterno? Existem, ou não, limites para o Universo? Qual a forma ideal de organização para a sociedade humana? Caso um homem quisesse adiar a procura e aperfeiçoar-se no Iluminismo até ver todas as perguntas deste tipo resolvidas, ele morreria antes de encontrar o caminho.

— BUDA

Envolvemo-nos, com frequência, em projetos que não podemos terminar. Solucionar pequenos problemas é fácil pois podemos considerá-los como se estivessem separados de todos os nossos outros objetivos. Porém, a coisa é diversa quando se trata de projetos que alcançam partes mais amplas de nossas vidas, como aprender uma profissão, educar uma criança ou escrever um livro. Não podemos tão-somente “decidir” ou “escolher” levar a cabo uma empresa que exige muito mais tempo, pois inevitavelmente ela entrará em conflito com outros interesses e ambições. Então, seremos obrigados a formular perguntas deste tipo:

*De que devo desistir em favor disto?
O que aprenderei com isto?
Será que me trará poder e influência?
Será possível me manter interessado nisto?
Poderei contar com a ajuda de outras pessoas?
Será que elas continuarão gostando de mim?*

Talvez a mais difícil pergunta dentre todas seja esta: “*De que forma a adoção desta meta me mudará?*” Por exemplo, o simples desejo de comprar uma casa maior e mais cara, pode conduzir a pensamentos elaborados como:

“Isto significa que terei que economizar durante anos a fio e não me será possível adquirir outras coisas de que gosto. Duvido muito estar em condições de suportar algo assim. Na verdade, poderia me reformular e procurar ser mais econômico e decidido. Mas, realmente, não sou este tipo de pessoa”.

Até que estas dúvidas sejam postas de lado, todos os planos feitos estarão sujeitos ao perigo da possibilidade de “mudarmos de idéia”. Então como é possível para um plano de longo alcance ter sucesso? A senda mais fácil para o “autocontrole” é fazer apenas aquilo que se está disposto a realizar.

Muitos dos esquemas por nós usados para nos autocontrolarmos são os mesmos que aprendemos a usar para influenciar outras pessoas. Obrigamo-nos a prosseguir explorando nossos próprios medos e desejos, oferecendo recompensas a nós mesmos, ou colocando em risco a posse daquilo que amamos. Porém, quando estratégias de curto alcance não tiverem condições de nos fazer manter nossos projetos por tempo suficiente, talvez necessitemos descobrir algum modo de fazer mudanças que não nos permitam tornar a realizar mudanças. Suspeito que, a fim de nos comprometermos com nossos projetos maiores e mais ambiciosos, aprendemos a explorar aquelas agências que operam por períodos de tempo mais longos.

Quais são as nossas agências que procedem as mudanças de modo mais lento? Constataremos, mais tarde, que estas devem incluir as agências silenciosas e escondidas que moldam aquilo por nós denominado como *caráter*. Estes são sistemas que estão preocupados não simplesmente com aquelas coisas que *queremos*, mas com aquilo que *aspiramos ser* — isto é, os ideais que estabelecemos para nós mesmos.

4.8 IDEAIS

Geralmente reservamos a palavra “ideais” para nos referirmos ao modo como julgamos devêssemos conduzir os nossos assuntos éticos. Contudo, irei lançar mão deste termo num sentido mais amplo, a fim de incluir os padrões por nós mantidos – conscientemente ou não – quanto ao modo como deveríamos abordar os assuntos simples.

Estamos sempre envolvidos com metas de abrangência e escalas as mais variadas. O que acontece quando uma tendência transitória entra em conflito com um nosso ideal de longo prazo? Quanto a isto, o que ocorre quando nossos ideais discordam entre si, da mesma forma quando há uma incompatibilidade entre as coisas que queremos fazer e aquelas que julgamos ser nosso dever realizar? Estas disparidades fazem surgir as sensações de inquietação, culpa e vergonha. Para diminuir estas perturbações, precisamos ou modificar as coisas que fazemos – ou mudar nosso modo de sentir. O que deveríamos tentar modificar – nossos desejos imediatos ou nossos ideais? Conflitos deste tipo devem ser contornados pelas agências que se foram formando e acumulando nos primeiros anos de crescimento das nossas personalidades.

Nossas agências adquirem vários tipos de metas durante a nossa infância. A seguir desenvolvemos em ondas superpostas, nas quais nossas agências mais antigas afetam a feitura das novas. Deste modo, as agências mais velhas podem influenciar a maneira de se comportar das mais recentes. Processos semelhantes têm lugar em todas as comunidades humanas; encontramos crianças “parecendo-se” com outras pessoas através da absorção dos valores de seus pais, família e companheiros, até mesmo procurando imitar os heróis e vilões mitológicos.

Se não tivéssemos ideais próprios e duradouros, nossas vidas não teriam coerência. Na qualidade de indivíduos, jamais seríamos capazes de confiar em nós mesmos para levar a cabo nossos planos pessoais. Num grupo social, não haveria uma só pessoa capaz de confiar em outra. Uma sociedade operosa deve desenvolver mecanismos que estabilizem os ideais – e muitos dos princípios sociais que cada um de nós considera como pessoais são, na verdade, “memórias de longa duração” nas quais nossas culturas armazenam aquilo que aprenderam no decorrer dos séculos.

INDIVIDUALIDADE

PUNCH E JUDY, PARA SUA AUDIÊNCIA

*Nossos fios de títeres são difíceis de se ver,
Portanto, livres, temos a sensação de ser
Certos de que meros objetos não poderiam
Em termos de bem ou mal, se comportar.*

*Nós manequins, para vocês, parecemos estar
inteiramente sem vida, pois nossa consciência
é aquela de bonecos forçados a sentar
no colo dos deuses e sua argúcia enunciar;*

*Estão vocês, nossos deuses transcendentais,
bamboleando também nas pontas de varas
precisando, para revelar os encantos voluntários,
do toque divino de algum deus maior?*

*Parecemos formar um conjunto aninhado,
sendo cada qual o títere do seguinte,
que, ao ser indagado, irá insistir
ser ele o último ventríloquo.*

— THEODORE MELNECHUK

5.1 CAUSALIDADE CIRCULAR

Sempre que podemos, gostamos de explicar as coisas em termos de simples causa e efeito. Explicamos o caso do Professor Desafio pressupondo que minha vontade de *Trabalhar* surgiu primeiro: em seguida *Trabalhar* utilizou-se das faculdades da *Raiva* para combater o *Dormir*. Mas na vida real as relações causais entre sentimentos e pensamentos muito raramente são assim tão simples. Meu desejo de trabalhar e meu aborrecimento com Desafio estavam tão emaranhados entre si, o tempo inteiro, que talvez seja inadequado indagar quem surgiu primeiro, se a *Raiva* ou o *Trabalhar*. O mais provável é que *ambas* as agências tenham se explorado simultaneamente, combinando-se portanto todas duas numa síntese demoníaca e única que concluiu duas metas ao mesmo tempo; portanto, *Trabalhar* viu-se forçado a fazer seu trabalho e, desta forma, ofendeu Desafio! (Numa rivalidade acadêmica, uma conquista técnica pode machucar muitíssimo mais do que um soco.) Duas metas podem apoiar-se mutuamente.

A causa B “*John queria ir para casa porque estava cansado de trabalhar*”

B causa A “*John sentiu-se cansado de trabalhar porque queria ir para casa*”.

Não é preciso haver nenhuma “primeira causa”, pois John tanto podia começar a não gostar de estar trabalhando como sentir-se inclinado a voltar para casa. Seguiu-se então uma laçada circular de causalidades, na qual cada meta conseguiu o apoio da outra até que o impulso das duas, combinado, se tornou irresistível. Estamos sempre enredados em laçadas causais. Suponha que tivesse feito um empréstimo mais elevado do que o permitiam seus meios e depois tenha tido que levantar mais dinheiro ainda a fim de pagar os juros do empréstimo. Se lhe tivessem perguntado qual era a dificuldade, não teria sido suficiente responder com simplicidade: “*Porque tenho que pagar os juros*”, ou dizer tão-somente: “*Porque preciso pagar o principal*”. Nenhuma das duas por si mesma é a verdadeira causa e você teria que esclarecer ter caído num laço.

Falamos com frequência em “acertar as coisas” quando nos vemos envolvidos em situações que nos parecem por demais complicadas. Parece-me que esta metáfora reflete como é difícil encontrar-se o próprio caminho através de um labirinto repleto de armadilhas complicadas. Numa situação destas, sempre tentamos descobrir uma “passagem” através dela procurando explicações “causais” que seguem apenas numa direção. Há uma boa razão para se agir assim.

Existem inumeráveis e diferentes tipos de cadeias que contêm laços. Porém todas as cadeias que não contenham laços são basicamente a mesma coisa: cada uma tem a forma de uma simples corrente.

Por isso, podemos aplicar os mesmíssimos tipos de argumentação para *tudo* aquilo que podemos representar em termos de correntes de causas e efeitos. Todas as vezes que fizermos isto, podemos prosseguir do começo ao fim sem precisarmos de um pensamento original; isto é o que queremos dizer com “acertar as coisas”. Mas, com frequência, para construir esta passagem, temos que ignorar interações importantes de dependências que correm em outras direções.

5.2 PERGUNTAS IRRESPONDÍVEIS

E enquanto lhe agradar, Senhor, a minha permanência neste mundo, onde há muita coisa para ser feita e pouca para se saber, ensina-me, pelo seu Espírito Santo, a afastar minha mente das pesquisas improficuas e perigosas, das dificuldades inutilmente curiosas e das dúvidas impossíveis de serem solucionadas.

— SAMUEL JOHNSON

Quando refletimos sobre qualquer coisa, demoradamente, é provável que nos deparemos, às vezes, com aquilo que denominamos de perguntas “básicas”—aquelas para as quais não conseguimos descobrir forma alguma de responder. Não temos nenhum modo perfeito para responder sequer a esta pergunta: *Como alguém pode afirmar que uma pergunta foi respondida com propriedade?*

O que originou o universo, e por quê?

Como se pode dizer quais as crenças verdadeiras?

Qual o objetivo da vida?

Como se pode dizer o que é bom?

Estas perguntas parecem diferentes na superfície, porém, todas elas, compartilham de uma mesma qualidade que as torna impossíveis de serem respondidas: *todas elas são circulares!* Você nunca será capaz de descobrir uma causa final, de vez que sempre terá que formular mais uma pergunta: *“O que causou esta causa?”* Você nunca pode descobrir qualquer meta final, pois sempre será obrigado a indagar: *“E agora, para que finalidade serve aquilo?”* Todas as vezes que descobre porque algo é bom — ou verdadeiro — ainda terá que indagar o que torna esta razão boa e verdadeira. Não importa o que você descubra a cada passo, estes tipos de perguntas sempre estarão presentes, pois você precisa desafiar cada resposta com: *“Por que motivo deveria aceitar aquela resposta?”* Estes circuitos só podem desperdiçar nosso tempo forçando-nos a repetir, sem cessar: *“Que bom é Bom?”* e *“Que deus fez Deus?”*

Quando as crianças não param de perguntar *“Por quê?”*, nós adultos aprendemos a lidar com isto limitando-nos a retrucar *“Porque sim!”* Isto talvez nos possa parecer uma obstinação, mas também é uma forma de autocontrole. O que impede os adultos de estender-se indefinidamente dentro destas perguntas? A resposta é que todas as culturas encontram modos especiais para lidar com estas perguntas. Um deles é estigmatizá-las com o descrédito e o tabu; outro meio é revesti-las com mistério ou temor religioso; ambos os métodos tornam estas perguntas indiscutíveis. O modo mais simples é o do consenso — como acontece com as modas e tendências sociais nas quais cada um de nós aceita como verdadeiro tudo aquilo que os outros fazem. Creio ter ouvido, certa vez, W.H. Auden dizer: *“Encontramo-nos todos, aqui, na terra, para ajudar aos outros. O que não consigo imaginar é para quê os outros se acham aqui”*.

Todas as culturas humanas desenvolvem instituições legais, religiosas, filosóficas e estas instituições tanto adotam as respostas específicas para as perguntas circulares como estabelecem esquemas autoritários para imbuírem estas crenças no povo. Pode-se lamentar que tais instituições substituam o dogma pela razão e pela verdade. Mas, em compensação, poupam populações inteiras de perder seu tempo com laços de razão inúteis. As mentes podem ter vidas mais produtivas trabalhando em problemas que possam ser solucionados.

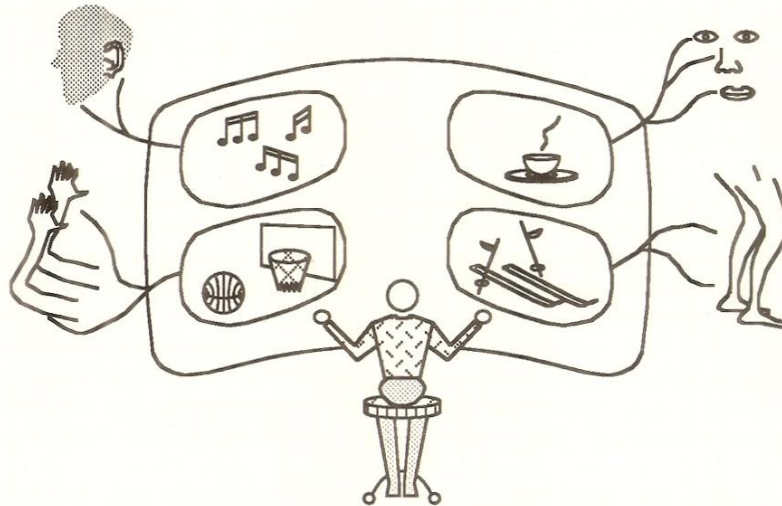
Porém, quando o raciocínio não pára de retornar à sua origem, nem sempre quer dizer que algo esteja errado. Pois o pensamento circular pode conduzir ao crescimento quando seus resultados, a cada retorno, são idéias mais profundas e poderosas. Então, como podemos nos comunicar, estes sistemas de idéias talvez até consigam descobrir meios para atravessarem os confins das individualidades egoístas — e assim criar raízes em outras mentes. Deste modo uma língua, ciência ou filosofia pode transcender a limitação da mortalidade de cada mente única. Agora, não podemos saber se cada pessoa está destinada a algum paraíso. Apesar disto, certas religiões estão estranhamente certas; conseguem alcançar seus objetivos oferecendo uma vida depois da vida — pelo menos para suas próprias e estranhas almas.

5.3 O EGO CONTROLE REMOTO

Quando as pessoas não têm respostas para perguntas importantes, quase sempre dão qualquer uma, seja lá qual for.

<i>O que controla o cérebro?</i>	<i>A Mente</i>
<i>O que controla a mente?</i>	<i>O Ego</i>
<i>O que controla o Ego?</i>	<i>O próprio Ego</i>

Para nos ajudar a pensar como nossas mentes estão ligadas ao mundo exterior, nossas culturas ensinam-nos certos esquemas, como o que se segue:



Este diagrama representa nosso mecanismo sensorial ao enviar as informações para o cérebro, onde elas são projetadas em alguma tela interior mental. Então dentro deste teatro espiritual, um Ego oculto observa a cena e reflete, então, sobre como agir. Finalmente, o Ego pode atuar – girando, de alguma forma, todas estas etapas em sentido contrário – a fim de influenciar o mundo real enviando diversos sinais de volta através de uma outra família de acessórios de controle remoto.

Este conceito simplesmente não funciona. De nada adianta você pensar que dentro de si mesmo encontra-se alguém mais que realiza o seu trabalho. Esta noção de “homúnculo” – uma pessoazinha dentro de cada eu – conduz apenas a um paradoxo pois, então, *este Ego interior exige mais uma outra tela dentro dele mesmo, onde projetar aquilo que ele viu!* E então, para assistir a esta peça-dentro-de-uma-peça, precisaríamos de mais um outro Ego-dentro-de-um-Ego – para pensar por último. E, então, tudo isto seria repetido novamente, à medida que cada novo Ego exigisse outro mais para fazer seu trabalho!

A idéia de um único Ego central não explica coisa alguma. Isto é assim porque uma coisa que não tem partes não nos pode fornecer nada que possamos usar como pedaços de explicação!

Então por que acatamos a estranha idéia de que aquilo que fazemos é feito por Alguém Mais – isto é, nosso Ego? Porque muito daquilo que nossas mentes realizam está escondido de certas porções nossas que estão envolvidas com a consciência verbal.

5.4 IDENTIDADE PESSOAL

*Seja qual for a paixão – conhecimento, reputação ou riqueza,
Ninguém conseguirá modificar seu vizinho com ele mesmo.*

— ALEXANDER POPE

Por que aceitamos esta imagem paradoxal de um Ego central dentro da individualidade? Porque isto nos é útil em várias esferas da vida prática. Eis aqui algumas razões para considerarmos uma pessoa como uma coisa única.

O Mundo Físico: *Nossos corpos atuam como outros objetos que ocupam o espaço. Por isto, temos que basear nossos planos e decisões no fato de possuírmos um corpo único. Duas pessoas não podem caber onde só há lugar para uma – como uma pessoa também não pode caminhar através das paredes ou ficar no ar sem qualquer ponto de apoio.*

Privacidade Pessoal: *Quando Mary conta para Jack alguma coisa, ela deve se recordar para “quem” relatou o fato e não deve supor que todas as outras pessoas também tenham conhecimento daquilo. Sem o conceito de um ser à parte, também não poderíamos contar com qualquer senso de responsabilidade.*

Atividade Mental: *Geralmente achamos difícil ponderar sobre dois pensamentos diferentes ao mesmo tempo, sobretudo quando são parecidos, porque ficamos “confusos” quando as mesmas agências são solicitadas para realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo.*

Por que nossos processos mentais nos parecem, quase sempre, fluir em “fluxos de consciência”? Talvez isto se deva ao fato de que, para mantermos o controle, temos que simplificar o modo como representamos o que está acontecendo. Portanto, quando esta complicada cena mental é “colocada em ordem”, parece-nos que um único duto de idéias esta fluindo através da mente.

Todas estas razões são coercivas pois através delas somos ajudados a nos ver como pessoas ímpares. Apesar disto, cada um de nós também precisa aprender, não só que pessoas diferentes possuem suas próprias identidades, mas que a mesma pessoa pode manter diferentes crenças, planos e disposições ao mesmo tempo. A imagem do agente-único transformou-se num sério impedimento para se descobrir boas idéias sobre a psicologia. Compreender a mente humana é, sem dúvida alguma, uma das mais difíceis tarefas que qualquer mente possa enfrentar. O mito do Ego único só serve para nos apartar do objetivo desta pesquisa.

5.5 PADRÃO E ESTILO

Lido com as notas não melhor que muitos pianistas. Mas as pausas entre elas – ah, é aí que reside a arte!

—ARTUR SCHNABEL

Por que razão gostamos de coisas que nos parecem não ter qualquer utilidade concebível? Quase sempre referimo-nos a isto com uma mistura de defesa e orgulho.

“A Arte pelo bem da Arte”.

“Isto me parece esteticamente agradável”.

“Gosto disto, e basta”.

“Não há nenhuma explicação para isto”.

Por que nos abrigamos sob estas declarações tão vagas e desafiantes? “Não há nenhuma explicação para isto” soa como uma criança a quem se pediu uma explicação. E “Gosto disto, e basta”, soa como uma pessoa que esteja escondendo razões sem valor para serem admitidas. No entanto, temos muitas vezes razões realmente práticas para fazermos escolhas que não possuem quaisquer razões por si mesmas, mas produzem efeitos em escalas maiores.

Aceitação: *As pernas de um cadeira funcionam igualmente bem sejam quadradas ou redondas. Então por que nos inclinamos a escolher nossos móveis segundo estilos ou padrões sistemáticos? Porque o estilo familiar torna mais fácil para nós aceitarmos e classificarmos as coisas que vemos.*

Uniformidade: *Se cada objeto numa sala fosse interessante por si mesmo, nossos móveis poderiam ocupar demais nossas mentes. Protegemo-nos contra as distrações escolhendo e adotando estilos uniformes.*

Previsibilidade: *Não faz a mínima diferença se um carro único se deslocar pela direita ou esquerda da rua. Porém a diferença é imensa quando há muitos carros! As sociedades precisam de regras que não fazem o menor sentido para os indivíduos.*

Se alguém faz cada escolha arbitrária do mesmo modo que procedeu antes, pode estar evitando um trabalho mental imenso. Quanto mais difícil a decisão, menor será o trabalho adotando-se esta política. A observação que se segue, elaborada por meu colega Edward Fredkin, parece-me bastante importante para merecer um nome:

Paradoxo de Fredkin: *Quanto mais atraentes parecerem duas alternativas, mais difícil pode ser a escolha entre as duas – do mesmo modo, não faz diferença que a escolha seja menos importante.*

Portanto, não é de causar assombro se nem sempre podemos contar com o “gosto” – se ele depende de regras ocultas por nós usadas quando as razões habituais são abolidas! Não estou pretendendo afirmar que o padrão, o estilo e a arte sejam a mesma coisa – apenas que, quase sempre, eles compartilham desta estratégia de usar formas que se encontram sob a superfície de nossos pensamentos. Quando é que deveríamos abandonar o raciocínio e recorrer às regras do estilo? Somente quando tivermos certeza plena de que uma reflexão posterior nada mais seria além de simples perda de tempo. Talvez seja esta a razão por que nos sentimos, com frequência, como que livres da praticidade ao fazermos escolhas “estéticas”. As escolhas deste tipo talvez pareçam mais contidas se nos dermos conta de como foram feitas. E o que dizer sobre aqueles sinais de culpa, fugazes, que, às vezes, sentimos por “apenas gostar” da Arte? Talvez seja assim que nossas mentes se obrigam a lembrar de não abandonar o raciocínio de forma por demais temerária.

5.6 CARACTERÍSTICAS

Não é impressionante que as palavras possam retratar os seres humanos? Talvez você pensasse que isto seria impraticável, considerando-se quanta coisa há para ser dita. O que permite, então, a um escritor retratar personalidades que nos parecem tão reais? Isto acontece porque todos concordamos a respeito de muitas coisas que ficam omitidas. Por exemplo, aceitamos a hipótese de que todos os personagens possuem aquilo que denominamos de “conhecimento do senso comum” e também concordamos a respeito de várias generalidades sobre aquilo que chamamos “natureza humana”.

Hostilidade evoca defesa. Frustração gera agressão.

Também reconhecemos que as pessoas possuem qualidades e traços de caráter particulares.

*Jane é organizada. Mary é tímida. Grace é esperta.
Isto não é o tipo de coisa que o Charles faça. Não é seu estilo.*

Por que motivo deveriam existir características como estas? Os humanistas são propensos a alardear sobre a dificuldade imensa de se compreender o alcance de uma mente. Porém, perguntemos: “O que torna as personalidades tão fáceis para se retratar?” Por que, por exemplo, deveria qualquer pessoa pender para uma qualidade tão abstrata como ser metódica, ao invés de ser apenas cuidadosa com relação a algumas coisas e desleixada com outras? Por que nossas personalidades devem revelar tamanha coerência? Como é possível que um sistema reunido a partir de um milhão de agências possa ser descrito com uma fileira de palavras curtas e simples? Eis aqui algumas das razões possíveis.

Seletividade: *Primeiro, deveríamos considerar o fato de que nossas imagens sobre as mentes dos outros são, quase sempre, ilusoriamente claras. Somos propensos a pensar sobre a “personalidade” de uma outra pessoa em termos daquilo que podemos descrever – e inclinamo-nos a deixar de lado todo o resto como se simplesmente não existisse.*

Estilo: *A fim de escapar do esforço de tomar decisões por nós consideradas sem importância, inclinamo-nos a desenvolver normas, que se tornam tão sistemáticas a ponto de se poder discerni-las do exterior e caracterizá-las como traços pessoais.*

Previsibilidade: *Por ser difícil manter uma amizade sem a presença da confiança, procuramos nos adaptar às expectativas de nossos amigos. Depois, como costumamos dispor as imagens de nossos associados segundo suas características, deparamos conosco mesmos nos ensinando como nos comportar de acordo com estas mesmas descrições.*

Autoconfiança: *Assim, com o passar do tempo, características imaginadas podem se tornar verdadeiras! Pois mesmo para realizarmos nossos próprios planos, precisamos ser capazes de prever aquilo que nós, pessoalmente, estamos habilitados a fazer – e isto irá se tornando mais fácil quanto mais simples formos.*

É agradável sermos capazes de confiar em nossos amigos, mas precisamos estar habilitados a confiar em nós mesmos. Mas como pode ser isto possível quando não temos certeza do que se passa em nossas próprias cabeças? Um dos modos de conseguir isto é pensar sobre nós mesmos em termos de características – para, em seguida, prosseguirmos exercitando-nos a nos comportarmos segundo aquelas imagens pessoais. Contudo, a personalidade nada mais é do que a superfície de uma pessoa. O que chamamos características são apenas as regularidades que conseguimos perceber. Jamais chegamos a nos conhecer de verdade porque existem muitos outros processos e normas que nunca se revelam a nós, diretamente, através de nosso comportamento, mas trabalham nas coxias.

5.7 IDENTIDADE PERMANENTE

Há causas para todos os sofrimentos humanos e existe um meio através do qual eles podem ser terminados, porque tudo no mundo é o resultado de uma vasta concorrência de causas e condições, e tudo desaparece da mesma forma como as causas e condições modificam-se e desaparecem.

—BUDA

O que significamos com palavras como “mim”, “eu mesmo” e “eu”? O que significa uma história que começa com “Na minha infância”? O que é esta estranha possessão “você”, que permanece inalterada por toda a sua vida? Você é a mesma pessoa que era antes de aprender a ler? No presente momento você quase não consegue imaginar como lhe pareciam as palavras então. Procure apenas olhar para estas palavras, sem as ler:



Acreditamos ser praticamente impossível separar a aparência das coisas daquilo que passaram a significar para nós, até onde a consciência esteja envolvida. Porém, se não podemos rememorar como as coisas nos pareciam antes de aprendermos a ligar novos significados àquelas coisas, o que nos faz pensar que podemos recordar como parecíamos para nós mesmos em tempos mais antigos? O que diria você caso alguém lhe formulasse perguntas assim:

“Você é, atualmente, a mesma pessoa que foi um dia, antes de aprender a falar?”

“Claro que sou. Por quê, quem mais poderia eu ser?”

“Está querendo dizer que não se modificou de modo algum?”

“Claro que não. Estou apenas dizendo que sou a mesma pessoa – a mesma, de certas maneiras, diferente de outras – mas continuo sendo o mesmo eu”.

“Mas como pode ser igual à pessoa que era antes mesmo de aprender a lembrar das coisas? Pode, por acaso, imaginar como era isso?”

“Talvez não possa... mas ainda assim deve ter havido alguma continuidade. Mesmo que eu não consiga me recordar, sem dúvida eu era aquela pessoa, também.”

Todos nós experimentamos esta sensação de imutabilidade apesar de mudança, não só com relação ao passado mas também com o futuro! Imagine como você é generoso com a individualidade futura às custas da individualidade presente. Hoje, você deposita algum dinheiro no banco para que algum tempo depois possa retirá-lo. Quando foi que esta individualidade futura fez algo de bom para você? “Você” é o conjunto daquelas lembranças cujos significados só se modificam lentamente? Será que se trata dos intermináveis efeitos colaterais de toda a sua experiência anterior? Ou será apenas qualquer um de seus agentes que se modifica ao mínimo à medida que o tempo e a vida continuam?

DISCERNIMENTO E INTROSPECÇÃO

MENTE. Uma misteriosa espécie de matéria secretada pelo cérebro. Sua atividade fundamental consiste no esforço despendido para assegurar sua própria natureza, a futilidade da tentativa sendo devida ao fato dela não ter nada além dela mesma para conhecer a si própria.

— AMBROSE BIERCE

6.1 CONSCIÊNCIA

consciente adj. 1. ter uma percepção ou conhecimento (das sensações, sentimentos, etc. pessoais, ou das coisas exteriores); saber ou sentir (que alguma coisa está ou estava acontecendo ou existia); ... 3. percepção de si mesmo como um ser pensante; saber o que se está fazendo e por quê.

— Webster's Unabridged Dictionary

Na vida real, tem-se muitas vezes que lidar com coisas que não se entende inteiramente. Você dirige um carro, sem saber de que forma seu motor funciona. Você viaja na qualidade de passageiro no automóvel de outra pessoa, sem saber como aquele motorista trabalha. O mais estranho de tudo, você dirige seu corpo e sua mente, sem saber como seu próprio ego trabalha. É espantoso que possamos pensar, sem sabermos o que seja pensar, não é? Não é impressionante que possamos ter idéias, e apesar disto não conseguirmos explicá-las?

Na mente de cada pessoa normal parece haver alguns processos que denominamos de consciência. Geralmente nós a consideramos como algo que nos habilita a saber aquilo que está acontecendo dentro de nossas mentes. Porém, esta reputação de autopercepção, ou autoconhecimento, não é lá muito bem merecida, pois nossos pensamentos conscientes nos revelam muito pouco daquilo que lhes dão origem.

Reflita como um motorista guia o imenso impulso de um automóvel, sem saber como seu motor funciona ou como o volante o conduz para a esquerda ou para a direita. Ainda assim, quando se reflete sobre isto, dirigimos nossos corpos de modo bastante semelhante. Até onde o pensamento consciente está envolvido, viramos nosso corpo para caminhar numa determinada direção quase que do mesmo modo que giramos um carro; só temos conhecimento de uma intenção global e todo o resto toma conta de si mesmo. Alterar a direção do deslocamento é, na verdade, bastante complicado. Caso você desse um passo maior ou menor, simplesmente, para um lado, do modo como agiria para girar um barco a remos, você cairia na direção exterior da volta. Ao invés disto, você começa a se virar forçando-se a tombar para o *lado de dentro* – e, em seguida, utiliza a força centrífuga para se endireitar no passo seguinte. Este processo incrível envolve um descomunal conjunto de músculos, ossos e articulações, todos controlados por centenas de programas que se influenciam mutuamente, mas nem sequer os especialistas conseguem entender. Contudo tudo quanto pensa é: *Vire para aquele lado*, e sua vontade é automaticamente satisfeita.

Denominamos de “sinais” os atos cujas consequências não são inerentes ao seu próprio caráter, mas foram, simplesmente, designados a ele. Quando você acelera seu carro, comprimindo o pedal do combustível, não é isto que realiza o trabalho; trata-se, tão-somente, de um sinal para o motor impulsionar o carro. Da mesma forma, girar o volante é apenas um sinal que faz o mecanismo da direção virar o carro. O projetista do carro poderia, facilmente, ter designado o pedal para girar o carro ou fazer o volante controlar sua velocidade. Porém, os projetistas práticos procuram explorar o uso de sinais que já tenham ganho alguma significância.

Nossos pensamentos conscientes usam sinais-signos para girar os motores em nossas mentes, controlando incontáveis processos dos quais jamais temos consciência. Sem compreendermos como isto é feito, aprendemos a alcançar nossos propósitos enviando sinais para estas máquinas imensas, de modo bem parecido com o usado pelas feiticeiras da antiguidade que lançavam mão de rituais para lançar seus encantos.

6.2 SINAIS E SIGNOS

Como conseguimos entender alguma coisa? Usando, eu penso quase sempre, um ou outro tipo de analogia – isto é, imaginando cada coisa nova como se se parecesse com algo que já conhecemos. Todas as vezes que os funcionamentos internos de uma coisa nova são muito estranhos ou complicados para se lidar com eles diretamente, imaginamos aquelas partes deles, que nos é possível, em termos de signos mais conhecidos ou familiares para nós. Deste modo, fazemos cada novidade parecer com alguma coisa mais comum. Na verdade, trata-se de uma grande descoberta o uso de sinais, símbolos, palavras e nomes. Eles permitem que nossas mentes transformem o estranho em coisa corriqueira.

Imagine que um arquiteto alienígena tenha inventado um novo meio, inteiramente diverso, de se passar de um cômodo para outro. Esta invenção tem as funções normais de uma porta, no entanto sua forma e mecanismo estão tão fora de nossa experiência que, ao vê-la, jamais a reconheceríamos como uma porta, nem adivinharíamos para que serviria. Todos os seus detalhes físicos estão errados. Não é aquilo que normalmente esperamos que seja uma porta – uma placa de madeira, com dobradiças, móvel, encaixada numa parede. Não importa: basta sobrepor no seu exterior alguma decoração, símbolo, ícone, sinal, ou palavra que nos faça recordar seu uso. Dê-lhe um formato retangular, ou acrescente uma placa de metal com a inscrição *SAÍDA* em vermelho e branco, e todo visitante do planeta Terra saberá, sem um pensamento consciente, qual é exatamente a finalidade daquele pseudo-portal e irá usá-lo como se fora uma porta.

Poderá parecer, de início, um simples artifício, atribuir o símbolo de uma porta a uma invenção que na realidade não é porta. No entanto, sempre nos deparamos na mesma situação. Não existem portas dentro de nossas mentes, apenas ligações entre nossos signos. Exagerando um pouco o caso, o que denominamos “consciência” consiste em pouco mais de uma lista de cardápios que lampejam de quando em quando, nas telas para exibições mentais usadas por outros sistemas. Isto é muito parecido com o modo como os jogadores de jogos de computadores usam os símbolos para acionar os processos dentro de suas complicadas máquinas de jogar sem fazerem a mínima idéia de como eles funcionam.

E quando você pára a fim de refletir a respeito, constata que a possibilidade de não ser assim é muito pequena! Imagine o que poderia acontecer se nós pudéssemos, na verdade, confrontar os trilhões de fios nas cadeias existentes em nossos cérebros. Cientistas examinaram minuciosamente fragmentos ínfimos destas estruturas durante muitos anos, ainda assim não conseguiram entender o que elas fazem. Felizmente, para os objetivos da vida diária, é suficiente que nossas palavras ou sinais evoquem alguns acontecimentos úteis dentro de nossa mente. Que importa como eles funcionam, desde que o façam! Reflita como você só vê um martelo como algo que serve para bater, ou uma bola como algo para atirar e apanhar. Por que vemos as coisas, menos como são, e mais como podem ser utilizadas? Porque nossas mentes não evoluíram para servir como instrumentos da ciência ou da filosofia, mas sim para solucionar os problemas práticos da nutrição, defesa, procriação, e assim por diante. Inclina-mo-nos a pensar no saber como algo bom em si mesmo, mas o saber só é útil quando o podemos explorar para nos auxiliar a alcançar nossos objetivos.

6.3 EXPERIÊNCIAS DO PENSAMENTO

De que forma você descobre coisas a respeito do mundo? Apenas olha e vê! Isto parece simples... mas não é. Cada olhar casual emprega um bilhão de células cerebrais para retratar a cena e resumir suas diferenças nos registros de outras experiências. Suas agências formulam pedacinhos de teorias sobre o que acontece no mundo e, depois, o levam a fazer pequenas experiências a fim de confirmar ou reformular aquelas suposições. Isto só lhe parece simples porque você não se dá conta daquilo que está se passando.

De que modo você descobre coisas a respeito de sua mente? Utilizando-se de uma técnica semelhante. Você elabora pedacinhos de teorias sobre como pensa, em seguida, verifica-os com experiências minúsculas. O problema é que as experiências do pensamento nem sempre conduzem aos tipos de descobertas, claras e definidas, procuradas pelos cientistas. Pergunte a si mesmo o que acontece ao pensar, ou tentar imaginar, um quadrado redondo – ou ao tentar se sentir feliz e triste ao mesmo tempo. Por que é tão difícil descrever os resultados destas experiências ou tirar conclusões úteis? Porque ficamos confusos. Nossos pensamentos a respeito de nossas experiências da mente são, eles próprios, experiências da mente – e por isto mesmo interferem um no outro.

O raciocínio afeta nossos pensamentos.

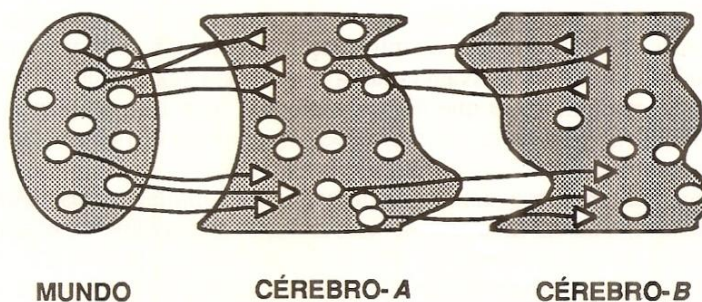
As pessoas que programam computadores encontram problemas semelhantes quando os programas novos funcionam mal, devido a inesperadas interações entre suas partes. Para descobrir o que está ocorrendo, os programadores desenvolveram programas especiais para “depurar” outros programas. Porém, exatamente como acontece nas experiências do pensamento, há o perigo de que o programa que está sendo observado possa mudar aquele que o está observando. A fim de prevenir isto, todos os computadores modernos estão equipados com mecanismos de “interrupção” especiais, cuja finalidade é detectar qualquer tentativa de outro programa em alterar um programa de depuração; quando isto acontece, o suspeito é “imobilizado” no seu curso, de modo que o programa de depuração o possa examinar. Para fazer isto, o mecanismo de interrupção deve ser munido com um banco de memória particular capaz de armazenar suficiente informação para tomar possível, depois, reiniciar o programa imobilizado como se nada tivesse ocorrido.

Estão os cérebros equipados para fazer coisas semelhantes? Construir sistemas de autoverificação em computadores que só realizavam uma coisa por vez foi fácil, porém teria sido muito mais difícil realizar isto num sistema que, como o cérebro, envolve vários processos ao mesmo tempo. O problema é que se você pretendesse imobilizar apenas um processo sem bloquear os outros, isto haveria de modificar a situação que você está tentando examinar. No entanto, se pretendesse bloquear todos estes processos ao mesmo tempo, não lhe seria possível verificar como eles interagem.

Posteriormente, veremos que a consciência está ligada às nossas memórias mais imediatas. Isto significa que existem limites para aquilo que a consciência pode nos revelar sobre si mesma – porque é incapaz de realizar experiências em si mesma de modo perfeito. Isto exigiria a manutenção de registros perfeitos sobre o que acontece dentro do próprio mecanismo da memória. Mas, qualquer mecanismo deste tipo deve ficar confuso com as auto-experiências que procuram descobrir o modo como ele funciona – pois estas experiências devem modificar os próprios registros que estão tentando examinar! Não somos capazes de lidar perfeitamente com as interrupções. Isto não quer dizer, em princípio, que a consciência não possa ser compreendida. Significa tão-somente que, para estudá-la, teremos que usar métodos científicos menos diretos, porque não podemos, simplesmente, “olhar e ver”.

6.4 CÉREBROS-B

Existe um meio para a mente observar a si mesma e, ainda assim, continuar se dando conta do que está ocorrendo. Divida o cérebro em duas partes, *A* e *B*. Ligue as entradas e saídas do cérebro-*A* com o mundo real – para que ele possa sentir o que se passa ali. Porém, não ligue o cérebro-*B*, de forma alguma, com o mundo exterior; ao contrário, ligue-o de tal forma que o cérebro-*A* passe a ser o mundo do cérebro-*B*!



Agora *A* pode ver e atuar sobre o que acontece no mundo exterior – enquanto *B* pode “ver” e influenciar o que acontece dentro de *A*. Quais as possíveis utilidades para um *B* deste tipo? A seguir darei algumas das atividades-*A* que *B* deve aprender a reconhecer e a influenciar.

A parece desorganizado e confuso.

A parece estar se repetindo.

A faz algo que B considera bom.

A está preocupado com detalhes em demasia.

A não está sendo suficientemente claro.

Iniba esta atividade.

Faça A parar. Faça outra coisa qualquer.

Faça A se lembrar disto.

Faça A assumir uma visão de nível elevado.

Focalize A em detalhes de níveis mais baixos.

Esta disposição dupla poderia ser um passo para se conseguir uma sociedade mental mais “reflexiva”. O cérebro-*B* poderia realizar experiências com o cérebro-*A*, assim como o cérebro-*A* pode fazer experiências com o corpo, os objetos, ou as pessoas que o cercam. E exatamente como *A* pode tentar prever e controlar o que acontece no mundo exterior, *B* pode procurar prever e controlar aquilo que *A* fará. Por exemplo, o cérebro-*B* poderia supervisionar o aprendizado do cérebro-*A*, ou fazendo mudanças diretamente no *A* ou influenciando os processos de aprendizagem do próprio *A*.

Muito embora *B* talvez não faça a menor idéia do que representam as atividades de *A* com relação ao mundo exterior, ainda é possível para *B* ser útil a *A*. Isto assim é porque o cérebro-*B* poderia aprender a representar algum papel um pouco parecido com o de um conselheiro, psicólogo ou consultor de gerência, que pode assessorar a estratégia mental de um cliente sem ter que compreender todos os detalhes da profissão daquele cliente. *B*, sem ter qualquer idéia do que sejam as metas de *A*, talvez pudesse ser capaz de aprender a dizer quando *A* não as está alcançando mas sim se limitando a se movimentar em círculos ou divagando, confuso porque determinados agentes-*A* estão repetindo as mesmas coisas sem parar. *B*, então, deveria tentar aplicar alguns recursos simples, como suprimindo alguns destes agentes-*A*. É claro que estas atividades de *B* poderiam acabar se transformando em inconvenientes para *A*. Por exemplo, se *A* tivesse como objetivo somar uma longa lista de números, *B* poderia começar a interferir nisso porque, segundo seu ponto de vista, *A* parecia ter caído num laço repetitivo. Para uma pessoa acostumada a uma maior variedade, isto poderia resultar numa dificuldade para se concentrar numa tarefa deste tipo e numa queixa de se sentir entediada.

Até onde o cérebro sabe o que está acontecendo no *A*, todo o sistema poderia ser considerado como sendo parcialmente “autoconsciente”. Contudo, se ligarmos *A* e *B* para se “observarem” mutuamente e em profundidade, nada poderia, então, acontecer, e todo o sistema poderia ficar instável. De qualquer modo, não há nenhuma razão para parar com dois níveis apenas; poderíamos ligar o cérebro-*C* para observar o cérebro-*B*, e assim por diante.

6.5 OBSERVAÇÃO IMOBILIZADA

*O tempo presente e o tempo passado
Talvez estejam ambos presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.*

— T. S. ELIOT

Não há um único supervisor capaz de estar a par de tudo aquilo que seus agentes fazem. Simplesmente não há tempo suficiente para tanto. Cada burocrata só vê uma fração do que ocorre abaixo de seu ponto na pirâmide do fluxo da informação. Os melhores subordinados são aqueles que trabalham com mais tranquilidade. Na verdade, é por esta razão que erigimos as pirâmides administrativas, para aquelas tarefas que não sabemos executar ou não dispomos de tempo para realizá-las pessoalmente. Este também é o motivo pelo qual tantos de nossos pensamentos devem se esconder além de nossa percepção.

Os cientistas dignos de confiança jamais procuram aprender muitas coisas de uma só vez. Em vez disso, eles selecionam aspectos particulares de uma situação, observam-nos com o maior cuidado, e fazem anotações. Os registros experimentais são “fenômenos imobilizados”. Eles nos permitem levar todo o tempo necessário para elaborarmos nossas teorias. Porém, como poderíamos fazer a mesma coisa dentro de nossa mente? Nós necessitaríamos de algum tipo de memória onde guardarmos, em segurança, registros deste tipo.

Teremos oportunidade de ver como isto poderia funcionar quando chegarmos aos capítulos referentes à memória. Suporemos que o nosso cérebro detém uma multidão de agentes denominados “linhas-K”, dos quais podemos lançar mão para fazer registros daquilo que alguns de nossos agentes cerebrais estão realizando num determinado momento. Mais tarde, quando ativarmos as mesmas linhas-K, reintegramos estes agentes nos seus estados anteriores. Isto nos faz “recordar” parte de nosso estado mental anterior, forçando estas partes de nossa mente a fazer apenas aquilo que tinham feito antes. Em seguida, as outras partes de nossa mente reagirão como se os mesmos acontecimentos estivessem se repetindo outra vez! Estas lembranças, é evidente, serão sempre incompletas, pois nada poderia ter capacidade suficiente para registrar cada detalhe de seu próprio estado. (Se não fosse assim, teria que ser maior do que ele mesmo.) Como não conseguimos nos lembrar de tudo, cada mente individual enfrenta o mesmo problema defrontado pelos cientistas: eles não contam com um modo infalível para saber, antes do fato, quais são as coisas mais importantes para observar e registrar.

Utilizar a mente para se auto-examinar é como a ciência de um outro modo. Assim como os físicos não podem ver os átomos sobre os quais falam, os psicólogos não podem observar os processos que tentam pesquisar. Só “sabemos” destas coisas através de seus efeitos. Contudo o problema é ainda pior quando há um envolvimento da mente, pois os cientistas podem ler as anotações feitas por cada um deles, no entanto as diferentes partes da mente não têm condições de ler as memórias umas das outras.

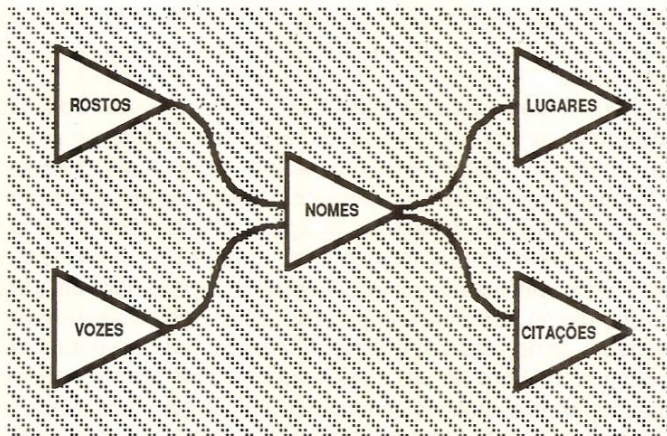
Já vimos, agora, várias razões pelas quais não podemos simplesmente observar nossas mentes, sentando-nos imóveis e aguardando até nossa visão ficar mais clara. O único caminho que nos resta é estudar a mente do modo como os cientistas agem quando algo é grande demais ou pequeno demais para se ver – elaborando teorias calcadas na evidência. Faça uma suposição; teste-a com uma experiência engenhosa; colija seus próprios pensamentos e torne a supor outra vez. Quando a introspecção parece funcionar, não é porque descobrimos um caminho mágico para vermos dentro de nós mesmos. Muito pelo contrário, significa que realizamos alguma experiência bem planejada.

6.6 TEMPO MENTAL MOMENTÂNEO

O que você acha que está pensando agora? Talvez você respondesse: “Ora, apenas os pensamentos que estou pensando agora!” E isto faz sentido, na vida comum, onde o “agora” significa “neste momento presente, de tempo”. Mas o significado de “agora” é muito menos claro para um agente dentro de uma sociedade.

Leva algum tempo para que as mudanças feitas numa parte da mente afetem as outras partes. Ocorre sempre algum atraso.

Por exemplo, suponha ter-se encontrado com seu amigo Jack. Suas agências para *Vozes* e *Rostos* podem reconhecer a voz e o rosto de Jack e todas duas podem enviar mensagens para uma agência de *Nomes*, que talvez se recorde do nome de Jack. Porém, *Vozes* também pode enviar uma “palavra-código” para *Citações*, uma agência baseada na fala que tem uma maneira para recordar frases ditas por Jack anteriormente, enquanto *Rostos* também pode enviar uma mensagem para *Lugares*, uma agência relacionada com o espaço, que talvez se recorde de algum local onde o rosto de Jack foi visto antes.



LUGARES recebe primeiro os sinais enviados por ROSTOS, porque as mensagens de VOZES passam antes através de NOMES.

Muito embora o tempo real desenvolva-se da esquerda para a direita, para LUGARES, os momentos do passado formam linhas inclinadas.

Agora suponha que pudéssemos perguntar tanto a *Lugares* como a *Citações* o que tinha acontecido primeiro, visto Jack ou escutado sua voz? Obteríamos duas respostas diferentes! *Lugares* detectará primeiramente o rosto – enquanto *Citações* se aperceberá primeiro da voz. A aparente ordem dos acontecimentos depende de qual das mensagens alcançou cada agente primeiro – portanto, a aparente seqüência dos acontecimentos difere de um agente para outro. Cada agente reagirá de um modo próprio a ele e ligeiramente diverso – porque foi influenciado por uma “história causal” ligeiramente diferente, que se espalha como uma onda dentro do passado.

De um modo geral, é simplesmente impossível para qualquer agente *L* saber com certeza o que outro agente *C* está fazendo exatamente no mesmo momento. O melhor que *L* pode fazer é enviar uma pergunta para *C* e esperar que *C* tenha condições de lhe dar uma resposta digna de confiança antes que outros agentes possam modificar o estado de *C* – ou mudar a mensagem enviada ao longo do trajeto. Nenhuma parte de uma mente pode jamais saber tudo que está acontecendo, ao mesmo tempo, em todas as outras agências. Por isto, cada agência deve ter, no mínimo, uma impressão ligeiramente diversa tanto daquilo que aconteceu no passado, como daquilo que está acontecendo “agora”. Cada um dos diferentes agentes da mente vive num mundo de tempo ligeiramente diferente.

6.7 O AGORA CAUSAL

Para sabermos qualquer coisa [disse o poeta], precisamos conhecer seus efeitos; para vermos os homens precisamos conhecer seus trabalhos, para que possamos saber as razões que os ditaram, ou a paixão que os animou, e descobrir quais são os mais poderosos motivos para agir. Para julgarmos com acerto o presente, temos que o opor ao passado; pois qualquer julgamento é comparativo e sobre o futuro nada se pode saber.

A verdade é que nenhuma mente se dedica demais ao presente: a recordação e a antecipação preenchem praticamente todos os nossos momentos. Nossas paixões são a alegria e a tristeza, amor e ódio, esperança e medo; até mesmo o amor e o ódio respeitam o passado, pois a causa deve ter antecedido o efeito.

— SAMUEL JOHNSON

Nossas noções diárias sobre a progressão do tempo mental estão erradas: não deixam espaço para o fato de que todo agente tem uma história causal diversa. Sem dúvida, estes diferentes passados estão entremesclados por longos períodos de tempo e cada agente é, eventualmente, influenciado por aquilo que aconteceu na história comum e remota de sua sociedade. Porém, isto não é aquilo que se quer dizer com “agora”. O problema encontra-se nas ligações entre as atividades de momento-para-momento de agências profundamente separadas.

Quando um alfinete cai, você talvez diga: “Acabei de ouvir um alfinete cair”. Porém, não existe ninguém que diga: “Estou ouvindo um alfinete caindo”. Nossas agências da fala sabem, através da experiência, que o episódio físico da queda de um alfinete estará concluído antes mesmo de você começar a falar. Porém, poderia dizer “Estou apaixonado”, ao invés de “Acabei de me apaixonar”, pois as suas agências da fala sabem que as agências envolvidas nas ligações pessoais trabalham num ritmo mais lento, com estados que podem persistir durante meses ou anos. E, no meio tempo, quando alguém pergunta: “Que espécies de sentimentos tem agora?”, quase sempre achamos nossas respostas meio-formuladas erradas antes de poderem ser expressas, pois outros sentimentos intervêm. Aquilo que parece apenas um momento para uma agência pode parecer uma era para outra.

Nossas lembranças só estão ligadas ao tempo físico de um modo indireto. Não temos a mínima sensação absoluta de quando um acontecimento memorável “realmente” teve lugar. Na melhor das hipóteses, estamos somente a par de algumas relações temporais entre ele e outros acontecimentos determinados. Talvez você consiga se recordar que X e Y aconteceram em dias diversos porém não ser capaz de determinar quais desses dias foi o primeiro. E muitas lembranças parecem não estar ligadas, de modo algum, a intervalos de tempo – como saber-se que quatro vem depois de três, ou que “eu sou eu mesmo”.

Quanto mais devagar uma agência opera – isto é, quanto mais longo for o intervalo entre cada mudança de estado – maior será a quantidade de sinais que podem chegar lá dentro, nestes intervalos. Será que isto significa que o mundo exterior parecerá se movimentar mais rápido para uma agência lenta do que para uma outra mais apressada? A vida parece veloz para as tartarugas, mas monótona para os colibris?

6.8 RACIOCINANDO SEM PENSAR

Assim como caminhamos sem pensar, raciocinamos sem pensar! Não sabemos como nossos músculos nos fazem andar – também não sabemos grande coisa a respeito das agências que realizam nosso trabalho mental. Quando você tem um problema difícil para resolver, pensa sobre ele por algum tempo. Em seguida, sabe-se lá, a resposta parece surgir de estalo e você diz: “Ah! já sei. Farei isto e aquilo”. No entanto, se alguém lhe perguntasse como encontrou a solução, dificilmente seria capaz de dizer mais coisas do que as que se seguem:

“De repente me dei conta...”

“Sei lá, tive esta idéia...”

“Passou-me pela cabeça...”

Se pudéssemos realmente perceber o trabalho de nossas mentes, não agiríamos com tanta frequência segundo motivos que nem suspeitamos. Não contaríamos com tão variadas e conflitantes teorias para a psicologia. E quando nos perguntam como alguém consegue suas boas idéias, não nos veríamos reduzidos a metáforas sobre “ruminar”, “digerir”, “conceber” e “dar origem” a conceitos – como se nossos pensamentos estivessem em qualquer outro lugar exceto na cabeça. Se pudéssemos ver dentro de nossas mentes, teríamos, sem dúvida, coisas mais úteis para dizer.

Muita gente parece estar absolutamente certa de que nenhum computador poderia, jamais, ser dotado de sensação, percepção, ter vontade própria, ou ter “consciência” dele mesmo de qualquer outra forma. No entanto o que faz todo mundo ter tanta certeza de que pessoalmente possui todas estas qualidades admiráveis? É verdade que se temos certeza de alguma coisa, esta é que “Sinto... portanto sinto”. Contudo, o que significam, realmente, estas convicções? Se a autopercepção significa saber o que está se passando dentro da própria mente, não haveria um único realista que pudesse declarar, por muito tempo, que os seres humanos possuem muita percepção, no sentido literal de ver lá dentro. Na verdade, a evidência de que somos autoconscientes – isto é, que possuímos uma aptidão especial qualquer para descobrir o que está acontecendo dentro de nós mesmos – é, na realidade, muito fraca. É verdade que certas pessoas são especialmente formidáveis para assessorar as atitudes e motivações de outras pessoas (e, mais raramente, delas mesmas). Porém, isto não justifica a crença de que o modo como aprendemos coisas sobre os seres humanos, inclusive nós mesmos, é fundamentalmente diferente da maneira como aprendemos a respeito de outras coisas. A maioria dos conhecimentos que denominamos “percepções” são meras variações de nossos outros modos de “imaginar” o que está acontecendo.

6.9 CABEÇAS NAS NUUVENS

Aquilo que denominamos mentes é nada mais além de um punhado ou coletânea de diferentes percepções, unidas juntas por determinadas relações que se julga, se bem que erroneamente, dotadas de perfeita simplicidade e identidade.

—DAVID HUME

Acataremos o ponto de vista de que nada pode ter significado por si só, mas apenas com relação a quaisquer outros significados que já conhecemos. Alguém pode protestar afirmando que isto tem a qualidade da velha pergunta: “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”. Se cada coisa que sabemos depende de outras que já sabemos, não é como construir castelos no ar? O que as impede de desmoronar, se nenhuma está solidamente presa ao solo?

Muito bem, primeiro, basicamente não há nada de errado com a idéia de uma sociedade onde cada parte fornece um significado a outras partes. Alguns conjuntos de pensamento são muito parecidos com cordas torcidas, ou tecidos, nos quais cada fio mantém os outros tanto unidos como separados. Pense em todas as melodias que conhece. Entre elas você poderá localizar duas de que gosta mais porque ou é parecida ou diferente da outra. Além disto, nenhuma mente humana fica inteiramente solta no ar. Mais tarde, veremos como nossas concepções de espaço e tempo podem estar inteiramente calcadas em cadeias de relações estabelecidas, e, apesar disto, ainda serem capazes de refletir a estrutura da realidade.

Se cada mente constrói coisas um pouco diferentes dentro dela mesma, como é possível qualquer mente se comunicar com uma outra diferente? No final, a comunicação é, certamente, uma questão de ponto de vista, mas nem sempre é lamentável quando mentes diferentes não se entendem na perfeição. Pois neste caso, desde que permaneça *alguma* comunicação, podemos compartilhar da riqueza dos pensamentos uns dos outros. De que adiantaria haver outras pessoas se fôssemos todos idênticos? Seja lá como for, a situação é a mesma *dentro* de nossas mentes — uma vez que você pessoalmente nunca consegue saber, com exatidão, o que *você* está dizendo! Como qualquer pensamento poderia ser inútil se, depois, sua mente retornasse à mesmíssima condição. Porém isto jamais acontece, porque cada vez que pensamos sobre uma determinada coisa, nossos pensamentos são emitidos de diversos modos.

O segredo daquilo que qualquer coisa significa para nós, depende de como a ligamos a todas as outras coisas que sabemos. É por isto que é errado, quase sempre, procurar o “significado verdadeiro de qualquer coisa”. Uma coisa com apenas um significado dificilmente tem um significado qualquer.

Uma idéia com um sentido único só o pode conduzir por um caminho apenas. Então, se alguma coisa der errado, ele fica apenas bloqueado — um pensamento que fica imóvel na sua mente sem ter para onde se dirigir. É por isto que quando alguém aprendeu alguma coisa “de cor” — isto é, sem qualquer ligação perceptível — afirmamos que “na verdade não entendeu nada”. Contudo, as cadeias fartas em significado oferecem-lhe vários e diferentes caminhos a seguir; caso não consiga resolver um problema de um modo, pode tentar de outro. De fato ligações exageradas e indiscriminadas transformarão uma mente numa barafunda. Porém estruturas bem ligadas permitem a você revirar as idéias em sua mente, a fim de considerar as alternativas e ver as coisas através de muitas perspectivas até encontrar aquela que dá certo. E é isto o que entendemos seja o raciocínio!

6.10 MUNDOS FORA DA MENTE

Todas estas lindas qualidades evolucionistas florescem, de modo espontâneo, na vida individual e coletiva... onde a consciência é encontrada identificada com o campo unificado de todas as leis da natureza.

— BULLETIN, MAHARISHI
INTERNATIONAL
UNIVERSITY, 1984

Não há nenhum mundo do pensamento singularmente real; cada mente envolve seu próprio universo interior. Os mundos do pensamento que parecem mais nos agradar são aqueles onde as metas e ações parecem enredarem-se em regiões bastante grandes para passarmos, ali, nossas vidas e, assim, nos tornarmos um budista, ou republicano, ou poeta, ou topólogo. Alguns pontos de partida mentais evoluem e transformam-se em continentes imensos e coerentes. Em determinadas partes da matemática, ciência e filosofia, algumas idéias relativamente poucas mas claras podem conduzir a um reino interminável de novas estruturas complexas, mas ainda assim, consistentes. Contudo, mesmo na matemática, um punhado de regras aparentemente inócuas podem conduzir a complicações que se encontram muito além de nosso entendimento. Embora pensemos compreender perfeitamente as regras da adição e da multiplicação — ao misturar as duas nos deparamos com problemas relacionados com os números primos que, há séculos, são insolúveis.

As mentes também estabelecem agradáveis mundos de coisas práticas — que funcionam porque as fazemos funcionar, colocando as coisas em ordem por lá. Na esfera física, mantemos nossos livros e roupas em prateleiras e cômodas fabricadas especialmente para eles — construindo, portanto, limites artificiais para impedir que nossas coisas interajam mais. Do mesmo modo, nas esferas mentais, utilizamos inúmeros esquemas artificiais a fim de obrigarmos as coisas a parecerem organizadas, através da elaboração de códigos de leis, regras gramaticais e regras de trânsito. Como crescemos num mundo assim, tudo nos parece direito e natural — e somente os historiadores e estudiosos recordam a descomunal quantidade de precedentes e experiências fracassadas que foram necessários para que tudo funcionasse tão bem. Estes mundos “naturais” são, na verdade, mais complexos do que os mundos técnicos da filosofia. São exageradamente grandes para serem contidos — exceto onde lhes impusemos as regras feitas por nós.

Também há um modo diferente e mais desastroso para fazer o mundo parecer organizado, no qual a mente simplesmente descobriu uma maneira de se auto-simplificar. Precisamos sempre suspeitar disto todas as vezes que alguma idéia explica coisas demais. Talvez nenhum problema tenha sido resolvido, na verdade; em vez disto, a mente limitou-se a descobrir algum atalho secundário no cérebro, através do qual pode-se, de forma mecânica, desalojar cada dúvida e diferença do seu lugar de direito! Talvez seja isto o que acontece em algumas daquelas experiências que deixam a pessoa com uma sensação de revelação — num estado no qual não resta qualquer dúvida, ou uma visão de uma clareza assombrosa — mas ainda assim incapaz de revelar quaisquer detalhes. Algum acidente de estresse mental suprimiu, temporariamente, a capacidade para questionar, duvidar ou experimentar. A pessoa se recorda que nenhuma pergunta ficou sem resposta porém se esquece de que nenhuma foi formulada! Só se pode ter certeza eliminando-se as indagações.

Quando as vítimas destes incidentes sentem-se compelidas a recapturá-los, suas vidas e personalidades sofrem, às vezes, mudanças permanentes. Então, os outros, constatando o brilho em seus olhos e ouvindo falar sobre a glória a ser conquistada, são como que atraídos para segui-las. No entanto, oferecer hospitalidade ao paradoxo é como se inclinar à beira de um abismo. Talvez você descubra a sensação de ter ali caído, porém não seria mais capaz de tornar a cair. Tão logo uma contradição descobre uma morada, poucas mentes podem rejeitar o sentido destruidor da força dos slogans como “tudo é um”.

6.11 VISÃO INTERIOR

Suponha que enquanto caminha e fala, você possa observar os sinais que cruzam seu cérebro. Será que teriam algum sentido para você? Várias pessoas realizaram experiências para tomarem estes sinais audíveis e visíveis, usando dispositivos bioalimentados. Isto quase sempre auxilia uma pessoa a aprender a controlar os vários músculos e glândulas que, geralmente, não se encontram sob um controle consciente. No entanto, isto jamais levou a compreender como funcionam seus circuitos escondidos.

Os cientistas defrontam-se com problemas semelhantes quando utilizam instrumentos eletrônicos para interceptarem os sinais cerebrais. Isto resultou numa boa quantidade de conhecimentos a respeito do modo como funciona o sistema nervoso — porém estas compreensões e discernimentos nunca partiram diretamente da observação. É impossível lançar-se mão de dados sem que se tenha, no mínimo, os pontos de partida de alguma teoria ou hipótese. Ainda que nos fosse possível sentir *todos* os detalhes interiores da vida mental, isto não nos revelaria o modo como compreendê-los. Talvez tornasse a empresa ainda mais difícil através do assoberbamento da nossa capacidade para interpretar aquilo que vemos. As causas e funções daquilo que observamos não são, nelas mesmas, coisas que possamos observar.

De onde é que tiramos as idéias de que necessitamos? A maioria de nossos conceitos vem das comunidades onde somos criados. Até mesmo as idéias que “temos” por nós mesmos partem de comunidades — desta feita, daquelas que estão dentro de nossas cabeças. Os cérebros não fabricam pensamento do modo direto como os músculos fazem força ou os ovários produzem estrogênio; ao contrário, para se ter uma boa idéia, devemos engajar descomunais organizações formadas por sub-máquinas que realizam uma imensa gama de tarefas. Cada crânio humano contém centenas de tipos de computadores, desenvolvidos durante centenas de milhões de anos de evolução, cada um com uma arquitetura um pouco diversa. Cada agência especializada deve aprender a convocar outros especialistas que podem ser úteis aos seus objetivos. Determinadas partes do cérebro distinguem os sons das vozes de outros tipos de sons; outras agências especializadas distinguem os aspectos dos rostos de outros tipos de objetos. Ninguém sabe quantos órgãos diferentes deste tipo encontram-se nos nossos cérebros. Contudo, é quase certo que eles empregam tipos de programação ligeiramente diferentes e também formas de representação: não, eles não dividem nenhum código de linguagem comum.

Se uma mente, cujas partes usam linguagem e modos diferentes de pensar, tentasse olhar para dentro de si mesma, poucas destas agências teriam condições de se entenderem umas às outras. É muito difícil para as pessoas que falam diferentes línguas humanas se comunicarem e os sinais usados pelas diferentes porções da mente são, certamente, menos parecidos ainda. Se o agente L formulasse qualquer pergunta a um agente C desconexo, como C poderia perceber o que lhe estava sendo perguntado, ou L compreender sua resposta? A maior parte das duplas de agentes não consegue se comunicar de modo algum.

6.12 COMUNICAÇÃO INTERNA

Se os agentes não conseguem se comunicar, como podem as pessoas fazê-lo apesar de ter formações, pensamentos e objetivos tão diversos? A resposta é que nós superestimamos o quanto comunicamos, na verdade. Apesar destas diferenças aparentemente importantes, muito daquilo que fazemos está calcado no conhecimento comum e na experiência. Portanto, muito embora só possamos falar muito pouco sobre o que acontece nos nossos processos mentais de baixo-nível, temos condições de explorar sua herança comum. Muito embora não possamos expressar o que pretendemos, podemos, quase sempre, citar vários exemplos a fim de indicarmos como unir as estruturas que estamos certos já devem existir dentro da mente de nosso ouvinte. Em suma, podemos, quase sempre, indicar que tipos de pensamentos pensar, muito embora não saibamos expressar como eles operam.

As palavras e símbolos por nós usados para resumir nossos objetivos e planos de níveis mais elevados não são os mesmos que os sinais utilizados para controlar aqueles de níveis mais baixos. Portanto, quando nossas agências de nível mais elevado tentam esquadrihar os mínimos detalhes das submáquinas de nível inferior que exploram, não conseguem compreender o que está acontecendo. Deve ser por isto que nossas agências de linguagem não podem expressar certas coisas como por exemplo o modo como nos equilibrar sobre nossas bicicletas, distinguir quadros das coisas reais, ou buscar nossos dados na memória. Achemos particularmente difícil usar nossas faculdades da fala para conversarmos a respeito das partes da mente que aprenderam habilidades como o equilíbrio, a visão e a recordação, antes que tivéssemos começado a aprender a falar.

“Significação” em si mesma é relativa ao tamanho e à escala: só faz sentido falar sobre significação num sistema bastante amplo para que tenha vários significados. Este conceito, para os menores sistemas, parecem supérfluos e vazios. Por exemplo, os agentes do *Construtor* não exigem nenhum sentido de significado para executarem seu trabalho; o *Acrescentar* tem, simplesmente, que buscar ajuda junto a *Apanhar e Pôr*. Em seguida *Apanhar e Pôr* não necessitam de nenhum sentido sutil sobre o que aqueles sinais de acionamento “significam”—isto porque só estão ligados para fazer aquilo que estão ligados para fazer. De um modo geral, quanto menor é uma agência, mais difícil será para as outras agências compreenderem suas “línguas” reduzidíssimas.

Quanto mais reduzidas são duas línguas, mais difícil será para se traduzir entre as duas. Isto não se deve ao fato da existência de significados em excesso, mas sim por serem eles insuficientes. Quanto menos coisas faz um agente, é menos provável que aquilo que um outro agente faz possa corresponder a qualquer uma dessas coisas. E se dois agentes nada têm em comum, não há tradução possível.

A dificuldade mais comum para se traduzir entre as línguas humanas está no fato de cada palavra possuir vários significados e o problema principal é conseguir reduzi-los a alguma coisa que seja comum às duas. Mas no caso da comunicação entre agentes desconexos, reduzir não ajuda quando os agentes não têm nada em comum, desde o início.

6.13 CONHECER-SE É PERIGOSO

“Conhecer-se a si mesmo” de modo o mais perfeito poderia parecer algo potente e bom. Todavia, existem falácias escondidas por trás deste pensamento positivo. Não há dúvida, uma mente que deseje se modificar poderia se beneficiar pois ficaria conhecendo como funciona. Porém um conhecimento destes pode, com a mesma facilidade, encorajar-nos a nos autodestruirmos – se tivéssemos os meios para enfiar nossos desajeitados dedos mentais nos delicados circuitos do mecanismo da mente. Não seria por isto que nossos cérebros nos obrigam a brincarmos de esconde-esconde mental?

Basta ver como nos inclinamos a arriscar experiências que nos modificam; como somos atraídos funestamente para as drogas, meditação, música e até mesmo para as conversas – todos estes, hábitos capazes de modificar nossas personalidades. Observe como todo mundo se sente extasiado diante de qualquer promessa para transgredir os limites normais do prazer e da recompensa.

Na vida comum, nossos sistemas do prazer nos ajudam a aprender – e, portanto, a nos comportarmos – impingindo-nos controles e equilíbrios. Por que razão, por exemplo, nos sentimos entediados ao fazermos a mesma coisa inúmeras vezes, mesmo que esta atividade nos fosse agradável no início? Isto parece ser uma das propriedades dos nossos sistemas do prazer; sem suficiente variedade, eles tendem a se saciar. Cada mecanismo de aprendizagem deve contar com um esquema protetor deste tipo, pois, caso contrário, poderia se ver preso na armadilha de ficar repetindo interminavelmente a mesma atividade. Temos sorte por contarmos com um mecanismo que nos impede de perder tempo demais e também é muito bom o fato de acharmos difícil suprimir estes mecanismos.

Se pudéssemos, deliberadamente, assumir o controle de nossos sistemas de prazer, seríamos capazes de reproduzir o prazer do sucesso sem a necessidade de qualquer realização verdadeira. E isto haveria de ser o fim de tudo.

O que evita uma ingerência destas? Nossas mentes estão presas por várias autocoerções. Por exemplo, achamos difícil determinar o que está acontecendo dentro da mente. Mais tarde, quando falarmos a respeito do desenvolvimento do bebê, veremos que mesmo que nossos olhos interiores pudessem enxergar o que há por lá, acharíamos estranhamente difícil modificar os agentes que talvez quiséssemos mudar – aqueles que, na nossa infância, ajudaram a modelar nossos ideais são os mais duradouros.

Estes agentes são difíceis de se modificar devido à sua origem evolutiva especial. A estabilidade a longo termo de outras agências mentais depende do processo lento através do qual modificamos nossas imagens daquilo que gostaríamos de ser. Poucos dentre nós sobreviveriam se, entregues ao acaso fortuito, nossos impulsos, os mais temerários, pudessem alterar livremente as bases de nossas personalidades. Por que razão poderia ser isto uma coisa tão ruim assim? Porque uma “mudança de opinião” comum pode ser radicalmente modificada se der um mau resultado. Porém, quando se mudam os próprios ideais – então nada mais resta para fazer-nos recuar.

Sigmund Freud formulou a teoria de que o crescimento de cada pessoa é governado pelas necessidades inconscientes de agradar, acalmar ou limitar as imagens que ela faz da autoridade paterna. Se reconhecêssemos a influência destas imagens antigas talvez as considerássemos ou infantis em excesso ou inúteis demais para serem toleradas e procuraríamos substituí-las por algo melhor. Mas, depois, o que trocaríamos por elas – uma vez que nos tínhamos despojado de todos aqueles laços que nos ligavam ao instinto e à sociedade? Acabaríamos, cada qual, como instrumentos de objetivos inventados por nós de tipos mais caprichosos ainda.

6.14 CONFUSÃO

Nossa consciência começa a se ocupar, sobretudo, quando nossos sistemas falham. Por exemplo, caminhamos e falamos sem ter muita noção, na verdade, do modo como fazemos estas coisas. No entanto, uma pessoa com uma perna ferida talvez comece a formular, pela primeira vez, teorias sobre como se caminha (“*Para girar para a esquerda, terei que me empurrar para aquele lado*”) para em seguida começar a refletir e indagar quais os músculos que possibilitam alcançar este objetivo. Ao reconhecermos que estamos confusos, começamos a refletir sobre a maneira como nossas mentes solucionam problemas e se ocupam do pouco que sabemos sobre nossas estratégias do pensamento. Então deparamo-nos conosco mesmos dizendo coisas assim:

“Agora tenho que ser organizado. Por que não sou capaz de me concentrar nas coisas importantes e não me deixar distrair por aqueles outros detalhes que não são essenciais?”

Paradoxalmente, é inteligente perceber que se está confuso – ao contrário de se estar confuso sem o saber. Pois isto nos estimula a aplicar nosso intelecto para alterar ou reparar o processo falho. Contudo, não nos agrada e nos amesquinha a sensação de confusão, isto sem levarmos em conta a qualidade deste reconhecimento.

No entanto, tão logo o seu cérebro-B o faz começar a indagar de si mesmo “*O que estava eu realmente tentando fazer?*” você aproveita-se disto como uma oportunidade para modificar sua meta ou alterar o modo como descreve sua situação. Desta forma, pode fugir da angústia de se sentir preso pois parece não haver alternativas adequadas. A experiência consciente da confusão pode se parecer com o sofrimento; talvez isto seja devido ao modo como ambos nos impelem a encontrar maneiras para escapar de um apuro. A diferença é que a confusão é dirigida contra uma falha no estado mental de uma pessoa, enquanto o sofrimento reflete perturbações externas. Em ambos os casos, os processos interiores devem ser destruídos e reconstruídos.

Tanto a confusão como o sofrimento possuem efeitos nocivos quando nos levam a abandonar metas numa escala maior do que aquela aconselhável: “*Todo este assunto me aborrece. Talvez devesse abandonar todo este projeto, ocupação ou relacionamento*”. Porém, mesmo estes pensamentos desalentadores podem servir como exames para descobrir outras agências que pudessem ser envolvidas para prestar auxílio.